

FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO

Reflexões em tempos pandêmicos

Orlando Maurício de Carvalho Berti (org.)



EdUESPI

Orlando Maurício de Carvalho Berti (org.)

**FOTOGRAFIA E
FOTOJORNALISMO**
*Reflexões em tempos
pandêmicos*



EdUESPI



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

Evandro Alberto de Sousa
Reitor

Rosineide Candeia de Araújo
Vice-Reitora

Nayana Pinheiro Machado de Freitas Coelho
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Gustavo Oliveira de Meira Gusmão
Pró-Reitor Adj. de Ensino de Graduação

Ailma do Nascimento Silva
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Pedro Antônio Soares Júnior
Pró-Reitor de Administração

Geraldo Eduardo da Luz Júnior
Pró-Reitor Adj. de Administração

Raimundo Isídio de Sousa
Pró-Reitor de Planejamento e Finanças

Joseane de Carvalho Leão
Pró-Reitora Adj. de Planejamento e Finanças

Eliene Maria Viana de Figueirêdo Pierote
Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários

Marcelo de Sousa Neto
Editor da Universidade Estadual do Piauí



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DOPIAUI - UESPI



José Wellington Barroso de Araújo Dias **Governador do Estado**
Maria Regina Sousa **Vice-governadora do Estado**
Evandro Alberto de Sousa **Reitor**
Rosineide Candeia de Araújo **Vice-Reitora**

Conselho Editorial EdUESPI

Marcelo de Sousa Neto **Presidente**
Algemira de Macedo Mendes **Universidade Estadual do Piauí**
Antonia Valtéria Melo Alvarenga **Academia de Ciências do Piauí**
Antonio Luiz Martins Maia Filho **Universidade Estadual do Piauí**
Fábio José Vieira **Universidade Estadual do Piauí**
Hermógenes Almeida de Santana Junior **Universidade Estadual do Piauí**
Joséliade Carvalho Leão **Universidade Estadual do Piauí**
Laécio Santos Cavalcante **Universidade Estadual do Piauí**
Orlando Maurício de Carvalho Berti **Universidade Estadual do Piauí**
Paula Guerra Tavares **Universidade do Porto - Portugal**
Cláudia Cristina da Silva Fontineles **Universidade Federal do Piauí**
Raimunda Maria da Cunha Ribeiro **Universidade Estadual do Piauí**
Maria do Socorro Rios Magalhães **Academia Piauiense de Letras**
Nelson Nery Costa **Conselho Estadual de Cultura do Piauí**

Marcelo de Sousa Neto **Editor**
Orlando Maurício de Carvalho Berti **Revisão**
Orlando Maurício de Carvalho Berti **Capa/Diagramação**
Editora e Gráfica - UESPI **E-book**

F759 Fotografia e fotojornalismo: reflexões em tempos pandêmicos /
Organizador por Orlando Maurício de Carvalho Berti. - Teresina :
EdUESPI, 2022.
Ebook

ISBN: 978-65-88108-46-8

1. Comunicação. 2. Fotografia. 3. Fotojornalismo. 4. COVID-19.
5. Ensaios. I. Berti, Orlando Maurício de Carvalho (Org.). II. Título.

CDD: 070.4

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí - UESPI
Grasielly Muniz Oliveira (Bibliotecária) CRB 3/1067

Editora da Universidade Estadual do Piauí - EdUESPI
UESPI (Campus Poeta Torquato Neto)
Rua João Cabral, 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI
Todos os Direitos Reservados

**“Fotografar é colocar na
mesma linha a cabeça, o
olho e o coração”
(Henri Cartier-Bresson)**

DEDICATÓRIA

A todas e todos que, por meio de imagens e
ações constroem um mundo melhor e mais
justo!

Agradecimentos

Agradecemos a todas as pessoas que, de uma maneira direta ou indireta, foram forças-motrizas para que pudéssemos concretizar este livro, em especial nossos amigos e parentes, bem como a todas e todos que se dedicam, por meio da imagem à construção e reflexão de um mundo mais justo.

Também somos gratas e gratas por todo o carinho e dispensas de tempo por parte da Universidade Estadual do Piauí, em especial no curso de Bacharelado em Jornalismo e também à Editora da UESPI e todo o seu corpo diretivo, consultivo e laboral.

SUMÁRIO

O poder da imagem. Fotografia e Fotojornalismo em tempos pandêmicos	
Orlando Maurício de Carvalho Berti.....	10
1 – Fotografando um sonho, inclusive o meu	
Afonso Celso Pereira da Silva Filho.....	13
2 – O sentimento de pertencimento qualificado como fenômeno fotográfico	
Alecio Rodrigues Barbosa da Silva.....	19
3 – A face jovem de um velho medo	
Antonia Letícia Pinheiro Dias Veloso Chaves.....	26
4 – Análise de Fotografias e retratações em manifestações artísticas	
Clarissa de Araújo Monteiro.....	33
5 – Análise de uma abordagem fotojornalística do COVID-19 em Teresina-PI	
Dara da Silva Santos.....	40
6 – The Sudanese Boy: a impactante foto ganhadora do Pulitzer	
Débora Amorim Pereira da Silva.....	47
7 – Análise das fotografias do discente Davi Fernandes dos Reis na página “Cotidiano Uespi” no Instagram	
Eduardo Paulo da Silva.....	54

8 – A Fotografia como arte contemporânea Emelly Carolyn Alves Carneiro.....	60
9 – Ensaio Fotográfico: construindo histórias, pelas lentes de Sebastião Salgado Isabella Rosseline Monteiro Silva.....	67
10 – Lugar x Foto: a criatividade e o olhar fotográfico como diferenciais na fotografia Lara Pereira Silva.....	73
11 – A imagem e as suas repercussões Lilith Rêgo Rodrigues Guimarães.....	80
12 – Tempos líquidos: a democratização fotográfica e as novas possibilidades de registros e análises Lívia Alves Ferreira.....	87
13 – Monocromático e melancólico Luís Ricardo de Sousa Claro.....	94
14 – Os números já não impactam Maria do Socorro de Moura e Souza.....	101
15 – Atuação do Fotojornalismo no atentado ao World Trade Center Maria Vitória Caroline de Sousa Ancelmo.....	108
16 – A fotografia submersa no oceano de imagens Marielle Muniz Rodrigues.....	114
17 – A Vida Real Na Palma da Mão Oceannyra Kelly da Cruz Silva.....	121

**18 – Fotografia como arte, correto uso e elementos,
instrumento de representatividade & forma de renda
Vitor Silva Lima.....127**

**19 – Luz, corpo e ativismo: a fotografia feminista
como novas possibilidades do discurso de
resistência
Vitória Sousa Pilar.....135**

**20 – Uma pandemia na geração imagética:
fotografias de impacto para refletir sobre a COVID-19
no Piauí
Vitória Sousa Pilar.....143**

O poder da imagem. Fotografia e Fotojornalismo em tempos pandêmicos

Orlando Maurício de Carvalho Berti

É quase um lugar-comum refletir sobre o poder da imagem na contemporaneidade. Vivemos em um mundo cada vez mais imagético e com um poder incomensurável provando de que a máxima de uma imagem valer mais que mil palavras tornou-se quase clichê.

A pandemia da COVID-19 nos trouxe a situações extremamente complexas. Se você não foi atingido diretamente pelos efeitos dessa pandemia considere-se uma pessoa sortuda. No nosso caso, em termos pessoais, profissionais, acadêmicos e sociais a pandemia nos atingiu certamente. Entre uma dessas situações foi justamente a de ministrar uma disciplina de imagem de maneira remota.

No período antes da pandemia, o curso de Bacharelado em Jornalismo oferecia em seu terceiro bloco a disciplina Fotografia e Fotojornalismo. Ela estava entre as que inauguram na vida do nosso alunado as chamadas disciplinas práticas.

Se fotografar já faz parte da curiosidade de boa parte das pessoas, aprender, ressignificar e atuar na produção das imagens era um dos principais momentos aguardados por todas e todos que entravam no curso de Jornalismo. E, modéstia a parte, realmente essa área tem o poder de trazer

uma série de sentidos que instigam a visão e vivência jornalísticas de nosso alunado.

Foi nesse contexto que nasce esse livro. Ele é uma resposta direta às reflexões sobre a pandemia e assuntos fotográficos e fotojornalísticos, pois, mais que praticar, necessitávamos refletir.

O livro traz um conjunto de vinte ensaios, cada um feito por uma aluna ou um aluno da disciplina.

Não há uma ordem sobre a escolha dos textos. O ordenamento aconteceu respeitando as autoras e autores de maneira alfabética.

Entremeio a essas duas dezenas de textos temos os seguintes materiais, feitos pelos seguintes autores e autoras: 1 – “Fotografando um sonho, inclusive o meu”, de Afonso Celso Pereira da Silva Filho; 2 – “O sentimento de pertencimento qualificado como fenômeno fotográfico”, de Alecio Rodrigues Barbosa da Silva; 3 – “A face jovem de um velho medo”, de Antonia Leticia Pinheiro Dias Veloso Chaves; 4 – “Análise de Fotografias e retratações em manifestações artísticas”, de Clarissa de Araujo Monteiro; 5 – “Análise de uma abordagem fotojornalística do COVID-19 em Teresina-PI”, de Dara da Silva Santos; 6 – “The Sudanese Boy: a impactante foto ganhadora do Pulitzer”, de Débora Amorim Pereira da Silva; 7 – “Análise das fotografias do discente Davi Fernandes dos Reis na página “Cotidiano Uespi” no Instagram”, de Eduardo Paulo da Silva; 8 – “A Fotografia como arte contemporânea”, de Emelly Caroliny Alves Carneiro; 9 – “Ensaio Fotográfico: construindo histórias, pelas lentes de Sebastião Salgado”, de Isabella Rosseline Monteiro Silva; 10 – “Lugar x Foto: a criatividade e o olhar fotográfico como diferenciais na fotografia”, de Lara Pereira Silva; 11 – “A

imagem e as suas repercussões”, de Lilith Rêgo Rodrigues Guimarães; 12 – “Tempos líquidos: a democratização fotográfica e as novas possibilidades de registros e análises”, de Lívia Alves Ferreira; 13 – “Monocromático e melancólico”, de Luís Ricardo de Sousa Claro; 14 – “Os números já não impactam”, de Maria do Socorro de Moura e Souza; 15 – “Atuação do Fotojornalismo no atentado ao World Trade Center”, de Maria Vitória Caroline de Sousa Ancelmo; 16 – “A fotografia submersa no oceano de imagens”, de Marielle Muniz Rodrigues; 17 – “A Vida Real Na Palma da Mão”, de Oceannyra Kelly da Cruz Silva; 18 – “Fotografia como arte, correto uso e elementos, instrumento de representatividade & forma de renda”, de Vitor Silva Lima; 19 – “Luz, corpo e ativismo: a fotografia feminista como novas possibilidades do discurso de resistência”, de Vitória Sousa Pilar e, finalmente, 20 – “Uma pandemia na geração imagética: fotografias de impacto para refletir sobre a COVID-19 no Piauí”, de Vitória Sousa Pilar.

Boa e proveitosa leitura!



Fotografando um sonho, inclusive o meu

**Afonso Celso Pereira da
Silva Filho**

Pensei bastante antes de escrever esse texto.

Confesso que o iniciei diversas vezes, apaguei e recomecei. Mas agora resolvi escrever de uma vez só, sendo guiado pelo coração, afinal, se é para escrever um texto, gosto que seja como eu sempre fui: intenso e verdadeiro.

Agora você deve estar se perguntando: “do que esse garoto vai falar?”.

Bom, resolvi falar de um assunto que mexe comigo, de um tema que gosto; de um sonho, de uma meta a ser atingida: ser pai.

Daí você volta a me questionar: “sim, mas o que isso tem a ver com fotografia?”.

Essa pergunta, em breve, será respondida. Antes disso, gostaria de apresentar uma crônica que eu escrevi já pensando nisso tudo que eu vou viver mais na frente.

“Para minha futura filha Alice, papai já te ama: filha, papai já te ama antes mesmo de você existir. Eu fico olhando os outros bebês e imaginando a hora de você chegar, fico imaginando como seria esse momento, como sua mãe iria me contar e qual dia iria nascer. Um certo dia alguém me disse a seguinte frase: “você só vai saber o que é o amor de verdade quando ver o seu coração batendo no corpo de outra pessoa”.

E eu terei essa certeza quando ouvir pela primeira vez as batidas do seu coração, ainda na barriga da sua mãe. Olha que irônico, eu escrevendo essa carta mesmo sem nem ter ideia de quem será a sua, mas só em ela me presentear com você, eu saberei que é a pessoa certa para mim. E eu não vejo a hora de você nascer, de eu te pegar no colo e ouvir o seu primeiro chorinho. Não vejo a hora de ouvir você me chamando de papai, de eu te ensinando a andar e fazendo de você a menina mais feliz e linda desse mundo. Já dá perceber

o pai babão que você vai ter, né? Aquele pai presente que vai te levar para passear, tomar sorvete, te levar no parque, te dar aquela boneca que você vai querer ganhar de presente de aniversário, mas vou saber lhe dar tudo na hora certa e quando estiver merecendo, você vai ser a menina mais educada que eu conheço.

Fico imaginando quando você começar a crescer e quando eu me der conta já estarei dançando valsa com você nos seus 15 anos. Quando eu me der conta já estarei te parabenizando pela sua aprovação no vestibular. Ah, e aproveitando a deixa, não me venha com essa de querer namorar antes de passar no vestibular. Mas o que eu quero dizer com tudo isso é que só tenho 21 anos e não vejo a hora de você chegar e me chamar de papai. Acho que vou ser o pai mais coruja que existe nesse mundo. Não importa o que aconteça, eu só quero que saiba que eu já te amava antes mesmo de você existir. Eu te amo, filha. Você é a poesia mais linda eu irei fazer. Não vejo a hora de você sair do meu sonho e me dar um abraço apertado”.

Bom, depois de tudo isso você volta a questionar: “sim, Afonso, estamos em um texto que traz reflexões sobre fotografia, o que isso tem a ver?”, e eu respondo: “tudo”. Para mim, a fotografia é ter a capacidade de capturar momentos, de transmitir sentimentos, de fazer você pensar, viajar, refletir, sem sair do lugar, apenas olhando para uma fotografia.

Assim que tive a primeiro contato com a matéria de Fotojornalismo, na primeira aula, já passei um bom tempo pensando em fotografias que eu gostaria de fazer.

Muitos sonham em viajar para o Emirados Árabes Unidos e tirar uma foto em cima de um camelo. Viajar para o Rio de Janeiro e tirar uma foto no Cristo Redentor ou no

Corcovado. Quem nunca viu alguma foto de alguém parado em frente ao MASP, na Avenida Paulista (em São Paulo)? As pessoas gostam de registrar momentos bons, viagens incríveis, mas a foto que eu mais tenho vontade de tirar é uma com a minha esposa, ela grávida e eu todo apaixonado ao lado dela. Afinal, só assim para registrar viagem infinita e um momento mais do que especial.

Sempre quando vejo uma foto de um casal em um ensaio fotográfico para registrar a barriga da mãe crescendo, confesso que bate uma certa ansiedade: quando que será a minha vez? Será que vai demorar muito?

Confesso que por muitas vezes gastei horas e horas do meu dia apenas olhando fotos de pais esperando seus filhos. Cada fotografia mais incrível que a outra. A cada click em portfólios, de diferentes fotógrafos, eu atualizo aquela frase: é nesse formato que eu quero, é nessa posição que quero tirar uma foto.

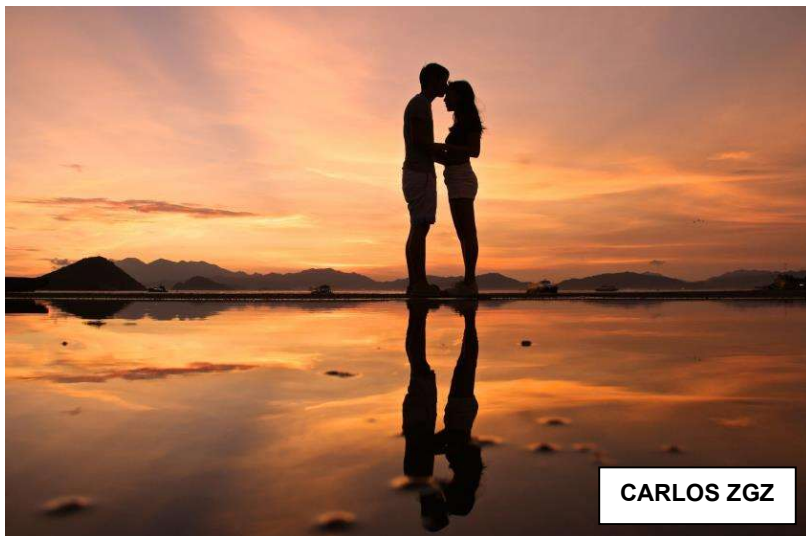
Todas as vezes que me deparo com fotografias do tipo, eu analiso também a sensibilidade do fotógrafo teve no seu trabalho: como a foto foi tirada, o que ele quis mostrar, qual significado daquilo, qual a ideia do ensaio, o tema. Gosto de analisar tudo isso, afinal, a fotografia é a arte de capturar momentos e transmitir emoções.

Quem me conhece sabe que na maioria das vezes estarei de bom humor, feliz, alegre.

A vida já é pesada demais para que passamos tanto tempo reclamando, de cara fechada, ou algo do tipo. Gosto de energias boas e momentos leves, e é isso que irei transmitir a minha filha desde os seus primeiros momentos de vida. Penso que em um ensaio fotográfico, as fotos que serão tiradas deverão transmitir as emoções que estão sendo vividas

FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO. REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

naquele momento. Por isso, sempre que penso como será quando chegar na minha vez, me imagino fazendo algo engraçado, algo leve, que mostre como eu sou, e como eu quero que as coisas aconteçam.



Agora vou citar alguns exemplos para comprovar o que eu falei anteriormente: a fotografia, além de registrar o momento, tem que transmitir um pouco do que a pessoa é: uma foto foi tirada de dois policiais que estão esperando mais um filho. Logo de cara, ao ver a foto, já sabemos algumas informações sobre os pais, mas além disso, acredito que a intenção de um ensaio fotográfico do tipo, é mostrar um pouco da realidade e da rotina da mamãe e do papai, que uniram o amor pela profissão com o amor pelos filhos para realizarem o ensaio.

Esse ensaio fotográfico foi uma das coisas mais lindas que eu já vi. Mãe solo, filha de caminhoneiro, foi surpreendida

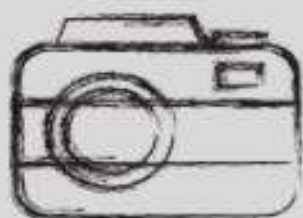
pelo pai com esse ensaio fotográfico. A emoção da foto foi tão grande, que acho que até Deus quis aparecer nela em forma de raio. Um caminhão se curvando perante uma mãe esperando um filho na barriga, a captura do momento não poderia ter sido melhor, e a emoção que o fotógrafo transmitiu foi incrível. Tudo ficou incrível.

Essa foto por muitos meses foi a minha imagem de papel de parede do celular. A primeira vez que eu a vi, no site Pixels, já me imaginei nela, afinal, se paramos para pensar, até que parece um pouco comigo também.

Bom, acredito que ainda faltam alguns anos para eu finalmente realizar meu sonho de ser pai, mas enquanto isso, eu continuo olhando e admirando os ensaios fotográficos de outros pais e esperando a hora certa de fazer o meu.

Eu escolhi esse tema para escrever por vários motivos. Quando o professor falou que seria um texto com no mínimo 1.300 palavras analisando fotografias, eu logo pensei: “como vou conseguir escrever tanto sobre fotos?”, mas foi uma tarefa fácil quando eu resolvi escrever sobre fotos que representam o que eu amo, o que eu quero para mim e o que eu espero, em breve, realizar. Analisar fotografias de algo que sempre gostei de fazer, antes mesmo de entrar na universidade, foi um prazer. Espero que em breve eu também envie as minhas próprias fotos e que surpreenda de forma positiva as ideias que venho colhendo nos últimos tempos.

P.S.: Texto escrito ouvindo, em repeat, a música Filha, de Rick e Renner.



**O sentimento de
pertencimento
qualificado como
fenômeno
fotográfico**

**Alecio Rodrigues Barbosa
da Silva**

De acordo com a própria história da humanidade, a arte de comunicar sempre foi algo mutável e acessível a todos os povos, seja com grunhidos, fala, escrita, satélites, pinturas rupestres, fotografias e demais meios de interação entre as sociedades.

Com os avanços na tecnologia e a criação de diversos meios de compartilhamento de informações, é muito presente o uso de variados atores no âmbito da comunicação para expôr pensamentos individuais ou trabalhos nos ramos da escrita ou fotografia, que sejam de interesse, ou curiosidade, de todos.

A área das interações visuais, mediada pelo compartilhamento de recursos imagéticos, vem sendo fragmentada ao longo dos anos pela facilidade de informar, criar ou reproduzir um conteúdo que as diversas plataformas digitais vêm proporcionando. Afinal, hoje existem produtores de conteúdo em todos os lugares, seja em rádios, jornais, revistas, portais de informação, ou em suas próprias redes sociais pessoais. É preciso salientar que uma produção de informação ou recurso que será compartilhado, cobra do autor o mínimo de formação e preparo humanístico ou profissional necessário para comunicar com responsabilidade.

Com relação à utilização dessas facetas da tecnologia, os trabalhos fotográficos, ou melhor, os autores das fotografias, vêm intensificando sua presença nas redes sociais, principal fonte de conexão atual com o público, se utilizando delas para construir um elo com os que configuram a sua audiência. Essa ligação, acontece com a criação da sensação de proximidade, estabelecido por essa conexão, seja digital ou de associação, presente nas relações de proximidade nas postagens em redes sociais para a condução

dos interessados ao acompanhamento das demais publicações de obras do autor.

Para a Universidade Paulista, em artigo produzido sobre esta área, a fotografia estabelece comunicação imediata, é uma linguagem universal que atrai a atenção das pessoas e que pode gerar um movimento em direção a mudanças. A expressão estética da fotografia pode colaborar na hora de chamar a atenção para questões ambientais. As imagens de paisagem são democráticas e podem levar as pessoas a pensar nas relações entre o ser humano e os fenômenos naturais. Ela é uma ferramenta na educação ambiental. No contato com a fotografia, o sujeito é conduzido a novas linguagens, inclusive à dimensão política dos fenômenos representados. As imagens informam, representam, surpreendem e transmitem um significado. As fotografias fascinam e convidam o espectador a senti-las, percebê-las, julgá-las e interpretá-las.

No campo deste recurso indispensável para a criação da escrita através da luz, seu conceito mais básico, essa responsabilidade se fortalece e se torna ainda mais exigida, uma vez em que o visualizador do seu conteúdo, será, na maioria das vezes, induzido a realizar sua análise a partir da forma em que o autor pretendeu passar o objeto ou fenômeno retratado. Fenômenos fotográficos podem ser classificados como a categoria mais difícil de enganar quem se debruçar em analisá-los. Fenômenos, propriamente ditos, já são acontecimentos únicos, de características diferenciadas e próprias, o que causa particularidade em todas as imagens criadas.

Buscar estudar e analisar fenômenos fotográficos consiste em enxergar com as nossas subjetividades o que as

imagens escolhidas para tal análise representam ou contam em histórias ocultas, presentes nas fotografias.

Foi após elaborar esse breve conceito, que escolhi e me preendi na observação de uma imagem com representações e sentimentos variados que criou ao visualizá-la, mas dois em especial, o sentimento de pertencimento e familiaridade.

Para alguém que tem noção e base mínimas de como alcançar um bom ângulo, ou encontrar uma luz ideal que favoreça o objeto a ser fotografado, entre tantas outras técnicas que marcam um fenômeno fotográfico, me resumo a analisar a imagem em questão a partir das perspectivas que surgem no meu cognitivo sobre o registro mais qualificado para ocupar esta categoria.

Patrimônios culturais materiais construídos em municípios interioranos são, em sua maioria, criadores de afeições com os munícipes. Com base na minha amada Castelo do Piauí, me enfoco no belíssimo cartão postal, o portal de entrada da cidade. Este retrato, assinado por Juscelino Reis, natural da cidade de São Miguel do Tapuio, um amante da fotografia, em especial de paisagens naturais, que coleciona riquíssimos arquivos em seu perfil nas redes sociais, traz consigo uma série de interpretações para os castelenses e demais admiradores do seu trabalho.

Juscelino Reis se enquadra no perfil dos fotógrafos de fenômenos. Na minha opinião, por ter um olhar sensível e admirável em seus trabalhos. Iniciante no ramo ainda no tempo dos filmes de poliéster com camadas de gelatina e sais de prata que guardavam imagens de hoje para serem vistas só após um bom tempo, ou seja, um negativo para fazer a cópia em papel. O artista diz que abraçou a Arte e a

Fotografia juntos, pois trabalha com publicidade, e a fotografia é um complemento dessa arte. Ele ainda contou que adora viagens expedicionárias para fazer o registro de lugares de extrema beleza.



Embora pareça, Juscelino afirma que não faz o uso de cursos para se aperfeiçoar ainda mais no ramo.

“Com o avanço da tecnologia digital, esse processo ficou ágil e prático. A internet nos proporciona um leque de conhecimento sempre atualizado. Mas não costumo fazer cursos, na prática a perfeição acontece”, disse.

Além de conseguir capturar uma das mais fantásticas cenas, na minha opinião, o pôr do sol, o artista ainda ousou em enquadrar dentro da abertura do portal de Castelo do Piauí, trazendo consigo a ideia de que o sol se despedia da cidade. Mas, ainda existem outras visões possíveis a serem exploradas por quem a observe.

Segundo o autor, a mensagem inicial que ele queria deixar, era mostrar o cotidiano do castelense na edificação do portal sobre a luz do sol poente. A magia da luz do sol, a cena urbana, a silhueta das pessoas realizando movimentos são elementos, para Juscelino, que fazem a fotografia expressar o lugar, em especial o portal.

O resumo da minha visão sobre foto é muito parecida, pois a obra traz populares que, diariamente, realizam suas atividades físicas, dentro do enfoque do registro, mostrando que além de atrair pela beleza, a cidade e o ponto que é considerado turístico, esbanjam saúde para quem entra ou sai do município.

Sobre enquadramento, é possível reconhecer, até para quem não entende, o quanto essa foto, provavelmente, não poderia ficar melhor. Aspectos da cotidianidade e sinais de urbanização como postes e fios de energia contrastam com o sol que vai se despedindo, as nuvens avermelhadas anunciando que o dia está se encerrando e as pessoas, que em suas singularidades, desfrutam da bela paisagem contida na fotografia.

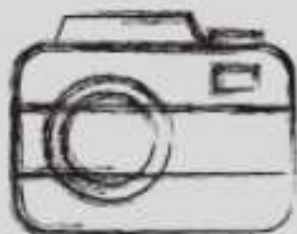
Perguntado sobre as estratégias adotadas para registrar a imagem, o autor defendeu a naturalidade como recurso principal para um bom resultado.

“Na fotografia de paisagem, o ângulo é o principal fator para se conseguir excelentes resultados. Na maioria dos casos a luz, a natural, é sempre a melhor, por proporcionar uma profundidade tridimensional”, comentou.

Acredito que além da perfeição, que está contida, dependentemente, do olhar de quem vê, a vontade e o amor pelo que se está fazendo ajudam na construção de algum fenômeno, sendo neste caso, a personificação do castelense,

representado em suas várias faces por um sãomiguelense, mas que, com amor, retratou o nosso cartão postal com sua intensidade e olhar pessoal, como se fosse também filho desta cidade, este que já conseguiu representar cerca de outras 150.000 paisagens em seus trabalhos, buscando registrar momentos de rara beleza de encher os olhos, ou, de acordo com Juscelino, eternizar momentos.

Finalizo informando, que fui altamente estimulado, após este texto um pouco mais aprofundado sobre um fenômeno fotográfico, na minha concepção, saio com a inquietante vontade, repassada pelo amor demonstrado por este artista da minha região, de também me debruçar sobre as inúmeras riquezas, em belezas naturais que possuímos em Castelo do Piauí e cidades circunvizinhas. É estimulante saber o quanto apenas a vontade e um olhar mais humano, apurado lógico, mas com paixão, pode realizar a manutenção constante de lembranças dos acontecimentos que marcaram e marcam nossas histórias.



A face jovem de um velho medo

**Antonia Letícia Pinheiro
Dias Veloso Chaves**

FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO. REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

Mesmo antes de escolher o Jornalismo como carreira e futuro, o Caso Eloá impactou minha visão sobre a mídia, a imprensa e como a mesma pode influenciar situações diversas do dia a dia.



A fotografia que escolhi como tema para meu texto analítico proposto pelo professor Orlando Berti na disciplina de Fotografia e Fotojornalismo foi tirada pelo fotógrafo Robson Fernandes para o Portal R7, do grupo Record, em 13 de outubro de 2008.

Esse foi o maior sequestro em cárcere privado, seguido de feminicídio, registrado no estado de São Paulo e foi cometido por Lindemberg Fernandes Alves, de 22 anos (à época), tendo como vítima sua ex-namorada, Eloá Cristine Pimentel, de 15 anos. Na ocasião, a jovem e alguns colegas de classe se reuniam na casa da menina para organizar um trabalho escolar quando o sequestrador invadiu o imóvel e fez os mesmos de refém. Posteriormente liberou a maioria dos amigos, deixando apenas a vítima principal e sua melhor amiga, Nayara, presas e, dias depois, assassinando Eloá,

concretizando sua crueldade em meio a uma espetacularização gigantesca da mídia nacional.

Na época em questão, a imagem foi diversamente utilizada entre inúmeros canais jornalísticos, mostrando o quão fragilizada a garota estava, porém passando a mensagem que Lindemberg queria: ela estava viva. O produto fotográfico analisado traz a tona o cenário sensacionalista e espetacularizado que o crime se tornou, culpabilizando também a mídia pelo desfecho trágico do ocorrido, principalmente após a divulgação das imagens similares à de Robson Fernandes.

Como esquecer da ligação durante o programa da RedeTV, “A Tarde É Sua”, comandado por Sonia Abrão, quando a mesma telefonou para o sequestrador durante o crime e fez uma entrevista com ele? Enquanto isso, a fotografia feita por Robson Fernandes oscilava entre imagens do crime e da apresentadora, mostrando mais ainda o seu valor em meio ao caos.

Agora, mais velha, estudada e dentro do âmbito fotográfico e fotojornalístico, possui uma visão mais profunda da imagem e vejo o quão forte a mesma é e como ela se modificou ao longo dos anos. Em 2008, a fotografia desempenhava um papel único e imponente: trazer Eloá como a vítima que sempre foi, tanto da mídia quanto diante de Lindemberg, seu único assassino.

Treze anos depois, essa imagem carrega um forte significado, ilustrando o feminicídio, a vitimização de homens e a romantização de crime contra as mulheres. Na época, o rapaz respondia como apaixonado e perdido de amor, dando a ele um voto de confiança, deixando que o sentimento como grande culpado pelo crime. Dentro de uma sociedade

machista, Eloá foi mais uma vítima fotografada, exposta, culpabilizada e inocente, um agravante para uma luta social que ainda está longe de ser vencida: o feminismo.

Em meu primeiro parágrafo, cito que esse foi o maior sequestro em cárcere privado do estado de São Paulo. Nesse crime tão grandioso, a foto mais distribuída e comentada é a da vítima de 15 anos, menor de idade e indefesa, e não de seu assassino, um homem de 22 anos, maior de idade, que já conseguia responder por seus atos penal e socialmente. Você reconhece o rosto de Eloá dessa e de inúmeras outras fotografias, mas o de Lindemberg, não. Isso diz muito sobre o cenário machista que a sociedade brasileira está inserida. Você consegue pintar o rosto de Lindemberg em sua mente? E o de Eloá? Tire isso como uma das grandes conclusões dessa discussão levantada.

Na fotografia escolhida, sentimos o quão importante a mesma é para uma boa composição jornalística. Sem muitos detalhes editados, temos a luz do sol como uma das grandes protagonistas da visibilidade, mostrando a quem está vendo e analisando aquilo uma veracidade e urgência em divulgar a notícia do sequestro da menina com uma foto inédita da mesma, trazendo a certeza da vida e do medo, sem se preocupar com fatores imagéticos, como edições elaboradas, cortes especiais, focos inéditos e visões duplas.

Entrando mais a fundo na imagem, o rosto assustado de Eloá é imensamente importante para a fotografia e nos mostra o quão perspicaz e rápido o fotógrafo foi. Após essa primeira fotografia, imagens semelhantes a essa eram mais comuns e aconteciam em mais de uma vez por dia, mostrando à mídia que a vítima ainda estava viva e alimentando a espetacularização acima desse caso. Nesse momento,

víamos em todas as plataformas jornalísticas esse mesmo formato de imagem tomando conta dos horários nobres e não nobres, dando rosto a uma vítima de 15 anos que logo seria brutalmente assassinada.

Ao entrar nos mais diversos sites e pesquisar sobre o caso Eloá Cristine, fotografias semelhantes a escolhida estão espalhadas e usadas das mais diversas formas, desde notícias rápidas de como a jovem estava e como o caso estava sendo levado diante da mídia e a polícia até matérias mais elaboradas, contando o crime como um todo, desde o início da relação do ex-casal até a prisão de Lindemberg, ou seja, a fotografia de Robson Fernandes deu abertura e margem para que fotos semelhantes e próximas a mesma fossem tiradas e comercializadas, gerando mais burburinho e imediatismo acerca do caso. Essa imagem também ilustrava reportagens sobre a própria família da vítima, uma vez que seu pai foi levantado como criminoso, algo fora da caixa.

Vendo esse fato, penso mais acima do que a margem criminal. Com uma visão feminista e feminina (algo que sempre tento colocar em minhas discussões) sob o acontecido, tenho a fotografia como o perfeito significado do machismo contemporâneo e desenvolvido. O semblante nervoso e medroso de Eloá mostra o quão vulneráveis e frágeis nós mulheres estamos quando somos representadas em situações de risco, ganhando o protagonismo da pequena, mas grande, e ferida diante de uma posição de liderança masculina. Lindemberg somatiza o machismo e a passionalidade em uma só situação, principalmente quando saímos da caixa da fotografia escolhida e nos permitimos adentrar a outras matérias relacionadas, uma vez que, na época do acontecido, o crime ficou conhecido e caracterizado

como um “crime por amor”, título constantemente dado a homens que assassinam mulheres, porém prefiro levantar essas questões como “crime de ódio”. Ódio contra o feminino.

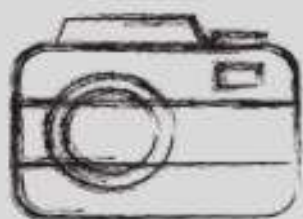
Para seguir minha linha de pensamento, basta analisar novamente a imagem de Robson Fernandes. Eloá na janela de seu próprio apartamento, sequestrada, claramente assustada mas a todo custo tentando mostrar aos familiares e espectadores que está bem, tanto é que conseguimos visualizar que a mulher está gritando para que seja ouvida, transmite a obrigação de nós, mulheres, em sempre estarmos positivas e saudáveis, mesmo em momentos de medo extremo e preocupação, ou seja, não somos permitidas ao medo. Até mesmo ela sendo, claramente a vítima, foi taxada como dona de uma parcela da culpa de seu próprio sequestro e assassinato. A própria apresentadora Sonia Abrão levantou, em palavras disfarçadas, que, se Eloá voltasse com Lindemberg, nada disso estaria acontecendo, culpabilizando novamente a vítima e trazendo o “amor” do assassino como solução para algo tão violento e desleal.

A fotografia de Fernandes, com um olhar mais especial, mostra ao público feminino diversas nuances de uma sociedade que ainda, infelizmente, odeia-nos. Sua face assustada, tenebrosa e carregada de medo traz a tona uma mulher forte que consegue, mesmo diante da situação que está vivendo, ter força o suficiente para mostrar que está viva e lutando para que continue assim.

Ao analisar profundamente a imagem, vejo que fotografias conversam tanto quanto textos e o quão importantes as mesmas são para uma matéria jornalística completa. A visão do acontecido somatiza com a linguagem, deixando a reportagem ainda próxima da veracidade, afinal, o

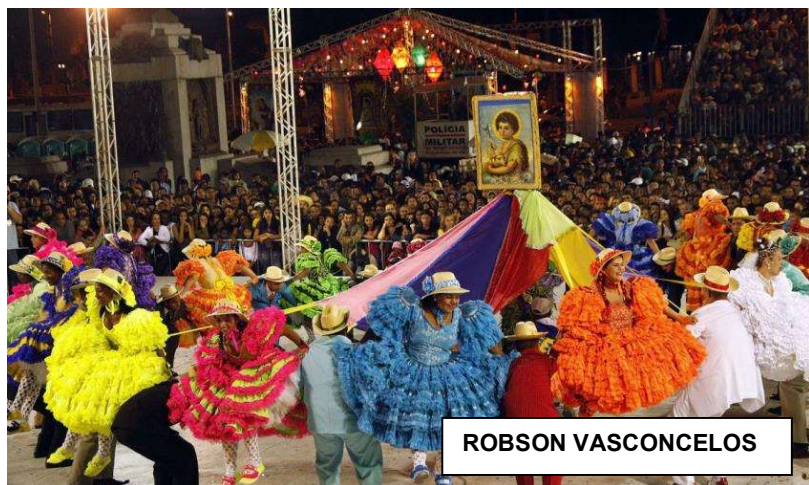
FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO. REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

ser humano crê mais quando está vendo algo do que lendo, infelizmente. A imagem de Eloá feita por Robson Fernandes é forte, triste mas muito importante para o fotojornalismo e o feminismo como um todo. Eloá nos representa e seu semblante nos abate de forma perspicaz, mostrando o protagonismo da imagem.



**Análise de
fotografias e
retratações em
manifestações
artísticas**

**Clarissa de Araújo
Monteiro**



As fotografias em manifestações artísticas como teatros, apresentações de dança e regionalidades são muito comuns com a função de registrar e gravar. Toda arte é inesquecível. Então para essa funcionalidade e também para atingir o interesse de cada vez mais indivíduos para estarem vendo os espetáculos e eventos culturais as imagens são necessárias contemporaneamente.

Na música, por exemplo, a fotografia é muito utilizada quando se quer gravar vídeos para as redes sociais ou plataformas digitais em geral, principalmente em momentos atuais como a de uma pandemia em que o isolamento é extremamente necessário para controlar o vírus. Com bares em sua totalidade fechados o que eles podem recorrer para continuar seus trabalhos e manifestações é exatamente as plataformas como a realização de lives e gravação de apresentações para postagens. É exatamente nesse momento que a fotografia se encaixa perfeitamente, gravando vídeos e tirando fotos para divulgação dessas manifestações.

É interessante observar como o papel da fotografia é necessário, importante e essencial no papel de captar emoções em apresentações culturais. O mesmo vai ser muito importante no momento de atrair o público para ver. Mesmo na música sendo especificamente sons e algumas vezes vídeos, não vai deixar de ajudar a atrair mais pessoas para escutar as músicas, pois no momento atual os indivíduos estão isolados, então estão a procura de entretenimento, seja para distração ou porque gosta realmente de determinada banda ou atração.

A imagem vai ser sempre importante, mas para ser feita com afinco e realizar todas as funções a ela dada, precisa ser uma foto bem elaborada para a divulgação ser feita com afinco e atrair cada vez mais pessoas para assistir e ver a atração cultural, no caso do exemplo, a música.

Falando na dança, existem vários ramos que vão desde o ballet e danças específicas de cada região, como a quadrilha e o frevo, que é tradicional da região Nordeste, e fazem parte da cultura da região. A fotografia nessas questões, serve muito para captar os movimentos e o sentimento emanado pela forma de dançar.

No frevo, por exemplo, é característico principalmente da região de Pernambuco, principalmente na região metropolitana de sua capital, Recife. Nos registros feitos sobre o frevo, capta muito a regionalidade e os movimentos realizados pelos participantes que estão dançando. Esse tipo de imagem mostra o quanto os dançarinos amam representar sua cultura e se mostram gratificantes de estarem realizando essa demonstração da dança.

Na quadrilha não é diferente. No Nordeste a quadrilha sempre foi um símbolo muito importante, principalmente em

certa época do ano que seria entre junho e julho. A prática artística que é a quadrilha vem muito de originalidade e tradição nordestina que é repassada de geração para geração.

As duas têm em comum a forma de se expressar a arte que é a dança, a originalidade e a tradição repassada de pais para filhos. É importante ressaltar que as duas têm públicos fieis, que todos os anos estão presentes nas apresentações artísticas regionais citadas anteriormente.

Muitos brasileiros quando viajam em determinada época do ano que estão ocorrendo essas manifestações, são surpreendidos com tamanha originalidade apresentada e tradição nordestina raiz. Muito se vê que o frevo e a quadrilha são dois dos movimentos culturais que têm como objetivo mostrar o que o Nordeste tem de melhor para oferecer e mostrar para o Brasil e o mundo, muito disso seria uma forma de atrair cada vez mais pessoas para consumir da arte nordestina e divulgar a cultura dessa região.

Outra forma de manifestação artística e cultural seria o grafite, muito de suas artes são formas de mostrar descontentamento com algo de cunho governamental ou social. Muitas atitudes como a de prejudicar o meio ambiente através de desmatamento, já geraram vários grafites retratando que precisamos do meio ambiente para tudo. Sem o meio ambiente não temos como sobreviver. Essa questão foi muito bem retratada em grafites retratando a realidade em forma de gráficos, o que se torna bem realista, causando assim um choque de realidade nos indivíduos que com esse choque se pode mudar uma atitude ou opinião a respeito da situação. Para muitos o grafite é visto como errado e outros adjetivos, porém o mesmo ajuda muito em questões sociais,

fazendo suas críticas às atitudes da sociedade e também atitudes feitas pelo poder maior, como o do governo, as críticas feitas só mostram que o grafite tem um papel social muito importante para a sociedade atual.

O teatro também é uma manifestação cultural muito importante e ligada ao social. A fotografia é essencial para retratar essa questão e de como ele expressa a questão no teatro, além da questão social tem também o entretenimento e a leveza que leva reflexão e divertimento para as pessoas.

Todas essas manifestações artísticas são formas dos indivíduos expressarem suas questões individuais e também questões da sociedade em geral que possa estar causando questionamento e descontentamento, e elas são muito válidas para fazer menção a algo que precisa ser melhorado.

Nesse período que estamos de isolamento social em virtude da pandemia, algumas dessas manifestações estão paralisadas, mas sempre se utilizam de meios alternativos apresentações pela internet em plataformas, e soa como inovador e também mostra a importância que a arte tem na nossa sociedade e no contexto social em geral.

Muitas manifestações culturais realizam protestos contra atitudes sociais ou do governo pela sua arte, porém muito disso é feito por meio de códigos ou símbolos, seja em música, teatro ou até mesmo na dança. Todas essas formas de se expressar só mostram como essas manifestações são necessárias na nossa sociedade em geral.

Muito dessa arte ligada à questão social só mostra que é essencial para fazer a sociedade pensar e refletir sobre os acontecimentos negativos ou positivos vistos na nossa sociedade atual, muito desses acontecimentos negativos poderiam ter sido evitados se tivesse acontecido esse poder

de reflexão que a arte traz para todos os indivíduos envolvidos.

A fotografia se torna um meio essencial para a divulgação dessa reflexão que possa vir a trazer para a sociedade, principalmente quando acontece algum tipo de manifestação ou protesto no meio de uma apresentação de teatro ou algumas das formas de se expressar e manifestar.

Podemos ver que essas expressões culturais são e vão continuar sendo importantes no âmbito social para a reflexão sobre situações não aprovadas na sociedade, e muitas fazem referência a movimentos sociais importantes socialmente falando.

Falando do contexto histórico e da fotografia nesse contexto, a fotografia foi essencial na questão de mostrar os acontecimentos que as manifestações artísticas queriam passar. No contexto da Ditadura Militar as manifestações artísticas foram muito utilizadas para demonstrar descontentamento com a forma de tratamento aos cidadãos que tinham pensamentos contrários ao governo da época, e as fotografias eram cruciais para o registro dessas formas de expressar contrariedade.

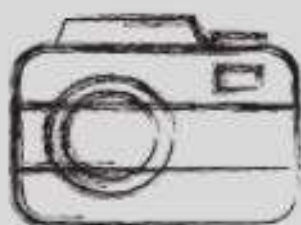
A imagem sempre vai ser essencial para a questão do registro e também da expressão que está na imagem, causando assim uma interpretação gigantesca sobre o que essa imagem quer mostrar e expressar para a sociedade, pois um dos principais recursos da fotografia seria exatamente fazer a sociedade interpretar um acontecimento ou ação captada.

A foto em si sempre vai ser essencial e muito presente em todas essas formas de registro e reflexão sobre o que a imagem quis passar com esse tipo de retrato, percebemos

que muito dessa reflexão vem da atual realidade da sociedade que estamos vivendo atualmente.

Retomando a análise das fotos do frevo e da quadrilha, também pode-se usar como manifestação de algum pensamento relacionado ao atual contexto social que estamos vivendo na atualidade.

Por fim, as reflexões e análise em relação às manifestações artísticas e culturais ligadas a questão da fotografia mostrou como as imagens são essenciais para o registro e força de expressão das culturalidades.



**Análise de uma
abordagem
fotojornalística do
COVID-19 em
Teresina-PI**

Dara da Silva Santos



Pensei em falar sobre essa temática, pois ainda é problema muito presente nas nossas vidas, causando angústia, sofrimento, tristeza e incertezas. Gostaria de agradecer ao professor Orlando Berti, que apesar desse momento difícil que estamos passando, tentou da melhor forma repassar os conhecimentos sobre a disciplina de fotojornalismo e teve paciência com os alunos, pois percebi que não é fácil, o ensino remoto tem suas dificuldades, mas apesar disso estamos conseguindo finalizar a disciplina.

O fotojornalismo é muito importante para sociedade, pois conta história através da fotografia mostrando o que é real, destacando a verdade e a realidade dos fatos ocorridos.

A COVID-19 teve início nos últimos meses de 2019, tendo os primeiros casos de infectados. Foi se espalhando de forma muita rápida em todo o mundo, afetando pessoas de todas as idades e se manifestando de diversas formas, alguns tendo sintomas leves, moderados ou sintomas mais graves da doença levando a morte.

Por ser um vírus novo e desconhecido todas as pessoas e em específico os profissionais da saúde entraram em pânico por não saberem qual tratamento e medicamentos adequados para a cura, assim pegando todos de surpresa, tornando um problema global. Já que era algo novo, não tinha vacina ou medicamento, os números de casos confirmados e mortes aumentando, a única forma para evitar a transmissão de pessoa para pessoa foi seguir a recomendação da OMS (Organização Mundial de Saúde) que é manter o isolamento social, manter distanciamento de no mínimo dois metros, usar máscara cobrindo boca e nariz e usar álcool em gel ao tocar em algo. Pois as pessoas que estavam sendo infectados pelo vírus os sintomas estavam aparecendo após cinco ou seis, podendo levar até 14 dias.

E para a surpresa dos teresinenses surge o primeiro caso confirmado de COVID-19 em Teresina que ocorreu no dia 19 de março de 2020. O paciente número um foi o apresentador da afiliada da TV Globo no Piauí Marcelo Magno. As pessoas entraram em desespero. A emissora de comunicação foi fechada por 15 dias, pois poderia ter mais funcionários infectados e realmente teve. Outras empresas da cidade e do estado também fecharam. As universidades pararam. Praticamente tudo parou. Nunca tinha acontecido algo parecido antes. O vírus se espalhou de forma muito rápida tanto na capital como nos municípios do estado do Piauí. O governador decretou de início lockdown de forma gradativa, chegando a durar cinco meses. Isso as pessoas em confinamento em casa para tentar evitar a transmissão do vírus.

Todos nós sabemos que o número de casos do COVID-19 aumentaram durante bom tempo da pandemia.

Entendo que tenha vários motivos para que isso tenha ocorrido. No início da pandemia mantiveram as pessoas por mais de cinco meses em confinamento em casa e hoje já está sendo mais difícil. Isso ocorre pelo simples fato do ser humano ser um ser social e dinâmico; que precisa do calor humano e da interação com outro. Não está errado, pois faz bem para nossa saúde física e psicológica. Só que para esse momento atípico que estamos vivendo é necessário que as pessoas se conscientizem mais para seguir as orientações de segurança da OMS para manter distanciamento social, usar máscara e usar álcool para proteger a si e ao outro.

Manter uma rotina em casa é bem mais difícil mas possível, pois algumas pessoas além de trabalhar em home office, estão tendo que acompanhar os filhos em ensino remoto, cuidar da casa, dar atenção ao companheiro(a), algumas pessoas que têm secretária em casa tiveram que despachar essas funcionárias e isso pode gerar consequências negativas ou positivas; dependendo de cada caso. Importante criar uma rotina, pois a situação atual foge do nosso controle, importante para manter a saúde física e mental para que não ocorra adoecimento psíquico, pois sabemos que o índice de ansiedade e depressão vêm aumentando a cada dia.

Vou contar um pouco da minha experiência. Desde o início da pandemia, não tem sido fácil pra mim, pois o primeiro caso de COVID-19 no Piauí foi no meu local de trabalho, empresa de comunicação aqui de Teresina, a empresa teve que parar por 15 dias, mesmo assim surgiram mais casos dentro da empresa. E minha função tem contato com todos. Fiquei muito apreensiva e preocupada. Um dia antes de confirmar o primeiro caso no Piauí eu tinha tirado as fotos

convite da minha formatura de Psicologia. Estava muito feliz e cheia de expectativa esperando chegar o grande dia das solenidades. Mas não foi nada como havia planejado, por isso que diz que você faz um plano e Deus faz outro. Me formei em outubro no período da pandemia, não teve as solenidades e fiquei sem saber por onde começar na minha profissão, nesse período tão atípico.

Decidi continuar no meu emprego que estava e logo em seguida decidi com meu esposo da gente tentar engravidar. No primeiro mês de tentativa deu certo. Por ser grupo de risco passei uns quatro meses em casa de acordo com o decreto. Quando acabou o decreto tive que voltar a trabalhar. Tentei trabalhar em home office por saber que a pandemia não tinha acabado ainda mas não consegui com a empresa e decidi antecipar minhas férias um mês antes de parir. Para minha surpresa já entrei de férias com a COVID-19 e não sabia. Estava com 33 semanas de gestação, me sentindo gripada, com dor de cabeça, febre, dor no corpo, fraqueza e vontade de desmaiar. Com uns três dias depois perdi o olfato. Fui de imediato para maternidade e lá a médica me encaminhou para ala COVID. Fiz o teste Swab e somente com uma semana saiu o resultado que eu realmente estava com a doença. Com três dias depois que eu tive os primeiros sintomas meu esposo começou a sentir também, mas ele não quis se separar de mim pois eu estava muito fraca e precisando de ajuda, terminei transmitindo a COVID para ele e mesmo doente também decidiu ficar cuidando de mim, me dando toda a assistência possível, ao meu lado todo tempo e eu só tenho a agradecer por isso.

Ficamos de quarentena por 14 dias. Pra mim só foi mais difícil pra mim porque não podia tomar nenhum

medicamento a não ser o dipirona e assim seguir. Graças a Deus hoje nós dois estamos bem e só na expectativa para a chegada da nossa primogênita. Então, a minha realidade, pode ser bem parecida com a realidade de outras pessoas que estão passando por situações difíceis nesse período, algumas delas estão perdendo seus entes queridos, estão tendo o seu luto interrompidos por não ter a etapa do velório, que é o momento do última despedida e ter que lidar com isso.

Ligamos a TV só nos deparamos com essa notícia, já ouvi alguns jornalistas comentar que não aguentam mais noticiar a mesma notícia que já está com mais de um ano desde o primeiro caso. A esperança de todos é que quanto mais pessoas consigam ser vacinadas melhor, a única luz no fundo do túnel que temos.

Pois bem, não escolhi uma temática muito fácil de analisar, mas necessário, pois ainda estamos enfrentando essa pandemia que a cada dia parece ficar mais difícil, mas iremos conseguir passar por tudo isso e que Deus continue abençoando e protegendo todos nós.

Com o passar do tempo as coisas só fizeram piorar, pois juntou saúde, economia e política, os números de desempregados aumentaram, as mortes, a pobreza, muitas pessoas passando necessidade, pois o auxílio emergencial liberado pelo Governo Federal ajudou somente alguns meses e as dificuldades surgiram novamente.

Porque os hospitais de Campanha foram desmontados? Onde foi parar o dinheiro que veio do governo federal para saúde?

Porque fechar o comércio e prejudicar os trabalhadores que dependem do salário para sustentar sua

família, se os políticos foram os primeiros a fazer aglomeração no período eleitoral como se não existisse a COVID, nem divulgando os números reais não estavam?

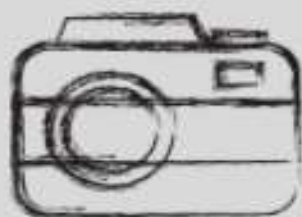
Depois das eleições os números de casos confirmados e mortes aumentaram muito. E a educação?

Porque transformar ensino presencial em modo remoto a qualidade não é a mesma; os alunos estão se virando se quiserem aprender algo a mais. E as crianças como ficam nessas aulas remotas?

Vamos focar nas vacinas até porque nossa esperança está nelas.

De acordo com as reflexões mencionadas conclui-se que a realidade em Teresina e no mundo está a cada dia pior, situação atípica que pegou todos de surpresa, as pessoas estão lutando para sobreviver desse vírus e da crise econômica. O índice de ansiedade e depressão vem aumentando muito e assim as pessoas adoecendo psicologicamente sem saber lidar com essa problemática.

O fotojornalismo tem contribuído bastante para mostrar a realidade dos fatos relacionados a essa temática. A esperança é que tudo isso passe logo e que todos tenham tirado aprendizado e assim melhorando como ser humano, pois essa pandemia tem muito para nos ensinar e fazer com que nós reflitamos.



**The Sudanese
Boy: a impactante
foto ganhadora
do Pulitzer**

**Débora Amorim Pereira
da Silva**

Vendo algumas imagens ganhadoras do prêmio Pulitzer de melhor fotografia, me deparei com a comovente foto do garotinho sudanês desnutrido com o abutre o espreitando. Já vi essa fotografia várias vezes, mas o sentimento de compaixão sempre me invade como se fosse a primeira. Com isso, resolvi fazer a análise acerca desse clique de Kevin Carter. Irei falar um pouco sobre a história por trás daquele cenário e o impacto que uma simples fotografia pode causar.

O que é o prêmio Pulitzer?

Primeiramente vou esclarecer resumidamente o que é o Pulitzer, que é um relevante prêmio que engloba as pessoas que trabalham em algumas áreas específicas, entre elas profissionais do jornalismo. Foi criado em 1917, seu nome é em homenagem a Joseph Pulitzer (seu criador). Apenas matérias e fotos publicadas em periódicos estadunidenses podem ser elegíveis ao prêmio. São 21 categorias no total, sendo uma delas a Fotografia. O ganhador além de um certificado também fatura US\$ 10.000,00. Fotógrafos profissionais e amadores já foram reconhecidos, e algumas dessas fotos são bem conhecidas pelo público, muitas vezes internacionalmente, como é o caso da fotografia que irei analisar.

O Sudão sofria por uma guerra que se estendia há anos. De um lado havia o Sudanese People's Liberation Army (SPLA) e do outro estava o governo de Cartum (capital do País). Esse conflito causou no Sudão milhões de mortes, e a fome também foi uma grave consequência. Em 1980 o confronto estava ainda mais vivo, pois o governo adotou a lei islâmica Sharia, que proibia bebidas alcoólicas e determinava punições extremamente violentas.

Diante disso, em 1990 a ONU começou a organizar campanhas para sensibilizar a sociedade ocidental de tudo que estava acontecendo no Sudão. Uma das metas era alcançar US\$ 190.000.000,00, mas a arrecadação não chegou nem perto do esperado. Decidindo ser mais direta, em 1993 a ONU procurou os fotojornalistas Kevin Carter e João Silva para retratar a fome da população sudanesa, com o objetivo de expressar em imagens a situação do país.

Os dois fotógrafos – que na época já eram bastante conhecidos – aceitaram imediatamente o convite pois já tinham vontade de entrar no Sudão para fotografar aqueles acontecimentos caóticos. Ao chegar lá, João se colocou para fotografar em uma clínica dali, enquanto Carter quis ficar a céu aberto. Depois disso, ele viu a criança e tirou várias fotos, que depois mostrou a João que ficou impressionado.

Por estar em guerra, aquela era uma área de difícil acesso e os registros fotográficos ali eram raríssimos. Ao saber do feito de Kevin Carter, o New York Times entrou em contato com ele e publicou a fotografia em questão no jornal. Aquela foto teve uma repercussão imensa: Carter ficou ainda mais conhecido, a fome no Sudão ganhou visibilidade e a ONU conseguiu as doações desejadas para o país. Em 1994 Kevin ganhou o prêmio Pulitzer de melhor fotografia.

Após algumas pesquisas, descobri que essa fotografia do Carter teve efeitos tanto positivos quanto negativos na vida do fotojornalista. Depois que praticamente o mundo inteiro viu e se comoveu com a foto, houveram questionamentos sobre o que Kevin teria feito para ajudar depois de retratar aquela triste imagem.

Com isso, devemos notar que as pessoas atribuem ao fotojornalista ações além da sua função, que é na prática

FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO. REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

mostrar a verdade. Esse tipo de profissional presencia diversas cenas comoventes, trágicas e repugnantes, mas será que realmente cabe ao jornalista resolver aquela situação? Será que a cobrança não está sendo feita a pessoa errada?



KEVIN CARTER

Em meu ponto de vista, eu entendo que existem alguns casos que muita gente considera humanamente impossível não agir. O registro de Kevin com certeza é algo que mexe com qualquer um: uma criança desnutrida que nitidamente precisa de alimento e cuidados. Mas é importante ressaltar que a função de Kevin ali era primeiramente mostrar que consequências a guerra estava causando – o que ele fez com excelência.

Claro que diante de algumas situações o jornalista pode e deve agir, mas o que quero frisar é que a responsabilidade pelo acontecimento não é dele.

Porém, por ter mostrado a realidade, as pessoas querem transferir a culpa para alguém. Como futura jornalista,

vejo o papel desse profissional como quem exhibe a verdade para que haja ação de autoridades e da sociedade (afinal nem o Super-Homem resolve tudo sozinho).

Outra questão que eu queria abordar: acredito que é de conhecimento de muita gente que Kevin cometeu suicídio alguns anos depois de ter ganhado o Pulitzer. Muitas pessoas acreditam que isso ocorreu devido a essa pressão após a divulgação da foto. Contudo, Carter já tinha uma vida bastante conturbada, envolvido com drogas e dívidas. Não se pode excluir totalmente a possibilidade de que o maior registro de sua carreira tenha trazido além de fama alguns dilemas, mas quis esclarecer para quebrar disseminação de falsas informações.

Voltando à questão principal, o clique daquela criança fez uma diferença enorme na sociedade e é algo que mesmo depois de vários anos ainda é reconhecido. Como já supracitado no tópico anterior, Kevin conseguiu fazer além do que lhe foi atribuído.

Para mim, um dos motivos para que essa imagem tivesse ao redor do mundo tanto sucesso é, primeiramente, a personagem principal ser uma criança e além disso passando fome. Isso faz com que quem veja se sintam incomodado e querendo ajudar, pensando nas injustiças da vida.

O abutre tão próximo traz uma mensagem de morte iminente, o que mexe com a sensibilidade humana.

Faz você olhar para dentro de si e se perguntar porque no mundo existe tanta maldade com quem não merece.

Talvez até pensar antes de reclamar dos problemas.

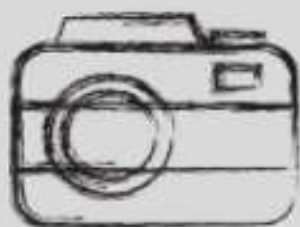
E é incrível que uma “simples” foto provoque tudo isso.

Concluindo o apresentado acima, temos algumas questões para pensar a partir da foto do garoto sudanês:

- O fotojornalista cumpre um dos papéis mais difíceis dentro do jornalismo, que é conseguir passar todo um contexto e mensagem a partir de uma imagem. Achar o momento “perfeito” não é simples; exige bastante experiência e usando como exemplo a foto analisada, bastante sangue frio;
- Uma foto pode provocar diversas emoções e questionamentos, pode permanecer atual por diversos anos e também pode melhorar ou prejudicar a vida de uma pessoa, sendo essa a fotografada ou o fotógrafo;
- Um questionamento que deve ficar: qual o papel do jornalista/fotojornalista? Fotografar uma situação como a do menino é algo que realmente pode mexer com qualquer um. Julgar a ajuda ou a falta dela pra mim é errado, já que se por exemplo o fotógrafo não tivesse registrado aquilo muitas pessoas não teriam nem ideia dos acontecimentos do Sudão;
- Uma foto pode ter um grande poder. Como visto na análise, o registro de Kevin Carter conseguiu feitos incríveis: além de fazer o fotojornalista ganhar o prêmio Pulitzer, fez com que o conflito no Sudão tivesse visibilidade e a ONU conseguisse alcançar suas metas de doações. Com certeza a fotografia tem razão para ser histórica e lembrada até hoje, e possivelmente ainda deve ser por muitos anos à frente.
- Provavelmente, os tipos de foto mais notadas são infelizmente fotos de tragédias e retratos de pobreza. Por quê? Na minha opinião é porque isso é o que acontece com uma frequência assustadora no mundo. E de novo volto à questão: por que só o fotógrafo deveria fazer alguma coisa? Qualquer um de nós pode. Mudando governos(que na maioria das vezes são os responsáveis por tanta desgraça) e abrindo os olhos para o que está havendo além da nossa realidade. Existem muitas outras crianças, sudanesas ou não,

sofrendo com a fome e a miséria. E nós como jornalistas fazemos o que está a nosso alcance: trazer isso à tona para que possa ser transformado para melhor. É por isso que a fotografia é tão importante no jornalismo: às vezes as palavras não são suficientes.

- Por fim, queria ressaltar que é sempre importante, antes de julgar, ir atrás da histórias e contexto que a fotografia está inserida. Depois de me aprofundar nos 'bastidores' da foto passei a valoriza-la ainda mais.



**Análise das
fotografias do
discente Davi**

**Fernandes dos Reis
na página "Cotidiano
Uespi" no Instagram**

Eduardo Paulo da Silva

FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO. REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

Nos tempos atuais, pessoas usam as redes sociais como meios de compartilhamento de artes e de trabalhos pessoais, de grosso modo, na maioria dos casos, amadores. Com o alcance que as mídias proporcionam, muita gente opta por esse meio pelo fato de alcançar mais pessoas em curto prazo de tempo.

Cada rede social tem um certo público-alvo. Isso não quer dizer que apenas uma classe opta por tal rede, e sim que, dentre todas as pessoas, um coletivo é que compõe grande parte dos usuários de uma mídia digital.

O Instagram, por exemplo, já foi uma rede muito focada em apenas o compartilhamento de fotos pessoais e, com isso, de momentos, mas com o passar dos anos, com o grande crescimento dessa mídia digital, empresas passaram a usar o Instagram como o principal meio de informação da instituição, para se aproximar com seus clientes.



De uns tempos para cá, é notável uma crescente na alta em perfis criados para a divulgação de trabalhos pessoais e artes de modo geral (de frases, desenhos, pinturas, etc...). Houve também a criação de páginas onde seus

administradores divulgam fotografias para um determinado propósito, é o caso do Davi Fernandes em Cotidiano UESPI.

Com a primeira postagem em 21 de fevereiro de 2019, a página (@cotidianouespi) é um projeto de pesquisa que foi criado com o intuito de mostrar cenas fotoetnográficas do dia a dia do campus Torquato Neto da Universidade Estadual do Piauí. Cenas essas que são rotineiras, como alunos nos corredores, trabalhadores ambulantes no interior da universidade, pessoas almoçando, animais abandonados e até mesmo cenas de ambientes que fazem parte da instituição, como as bibliotecas, refeitórios, salas, pátios, quiosques de lanchonetes, etc.

Muito perspicaz em cada detalhe fotografado, o discente do curso de Jornalismo, Davi Fernandes dos Reis, procura retratar em cada fotografia o que seus olhos veem, mas de uma forma que todos que venham apreciar seu trabalho vejam o real sentimento transmitido no momento do clique. Na maioria das fotos a UESPI é retratada de uma forma desgastada e acabada estruturalmente, fazendo assim uma reflexão da má gestão na infraestrutura da Instituição de Ensino Superior. Tais registros são de suma importância nesse quesito: observar através dessas fotografias as realidades da universidade e tentar encontrar uma solução para essa problemática que está presente de uma maneira implícita. Esse é um dos papéis do fotojornalismo que fala por si só. Para uma fotografia transmitir o real significado que ela traz, nem sempre é a foto nua e crua. Em muitos casos, uma boa edição ajuda a trazer um grande impacto na mensagem que ela impõe.

No caso do Cotidiano UESPI, os retratos possuem uma grande saturação no processo de edição das imagens,

mostrando, talvez, a vivacidade da Universidade em diferentes aspectos, seja pelos alunos de dela compõem o corpo acadêmico, ou apenas de um monumento da instituição, ou até mesmo de um ambiente que traz um grande significado.

Outra característica bastante usada na identidade visual da página é as fotos em preto e branco. Essa técnica é utilizada como uma fuga das imagens normatizadas que compõem as fotografias coloridas. O preto e branco expões a delicadeza de um olhar, a dimensão de uma realidade ou um impacto de emoções retratadas no clique, trazendo assim um peso muito grande para as fotos em preto e branco.

Certamente Davi pensou minimamente em todas essas características antes de realizá-las. Para um fotojornalista, não basta apenas apertar o botão do disparador de uma câmera e, simplesmente, tirar uma foto. Isso requer análises e estudos sobre o que ser fotografado e, de certa forma, capturar somente o necessário para aquela ocasião, nem mais e nem menos, somente o essencial.

Na maioria das fotos há uma grande representação dos alunos da universidade. Geralmente, eles estão em situações corriqueiras e cotidianas como um simples andar nos corredores, conversas em grupos, refeições em lanchonetes ou, de modo geral, de momentos de socialização com os colegas. Outro elemento bastante importante e que é encontrado nas retratações no Cotidiano UESPI são os animais de estimação que residem na instituição. Com um olhar único, Davi Fernandes busca não perder nenhum detalhe dos caninos e felinos que fazem parte da universidade, mesmo contrariando as leis de abandono contra animais de estimação. Além desses dois elementos, há registros das arquiteturas e dos monumentos que compõem a

IES. Davi busca retratar todas as falhas de infraestrutura presentes na UESPI de uma forma “abafada”, de um jeito mais simples possível para que, através de suas fotografias, seja mostrado o pedido de socorro que a universidade está pedindo, de diferentes aspectos.

Esses componentes contribuem para um projeto totalmente completo, onde cada foto tem sua importância de acordo com a mensagem que ela quer transmitir, seja do mais simples ao mais complexo, ajudando os observadores a enxergar com os mesmos olhos que o Davi Fernandes usou ao fotografar tais elementos.

Pelo fato de ser administrada por um discente de Jornalismo, há a presença de meios fotojornalísticos em boa parte da página Cotidiano UESPI. Fotojornalismo, que é o ramo da fotografia onde a informação é clara e objetiva através da imagem e que pode exibir toda a sua capacidade de transmitir as informações. É o caso, por exemplo, das fotos do Roberto Gomes, vendedor de picolé, onde o Davi relatou como é a vida de Rôô, apelido carinhoso dado a Roberto.

Há outras presenças de fotojornalismo, como nas de publicações de fotorreportagem sobre Sebastião, vendedor e figura bastante conhecida do bloco 6 da UESPI; sobre José Américo, professor e um personagem de grande importância para o curso de Jornalismo e Comunicação Social, sem contar com as outras muitas representações de Fotojornalismo em Cotidiano UESPI. Com tudo isso, percebemos que todos os detalhes da página Cotidiano UESPI foram minimamente pensados e planejados. Ela vai além de um simples projeto. Ela gera em quem faz parte da universidade, sentimentos de cuidado e atenção para aquilo que está ao nosso redor: pessoas, animais, lugares, dentre outros elementos que

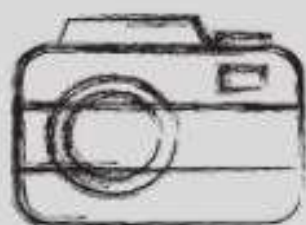
integra a UESPI, e em quem não faz parte, o desejo de conhecer e ter curiosidades sobre a história em que a instituição está inserida.

Como estamos em meio a uma pandemia mundial e, conseqüentemente, em quarentena, não podendo sequer assistir aulas presenciais, nem estar pessoalmente na Universidade Estadual do Piauí, o sentimento de proximidade (mesmo estando distantes) dos alunos à instituição é muito forte. Observando as fotografias do Cotidiano UESPI, damos valor à nossa segunda casa, que muitas das vezes, quando estávamos presencialmente, não damos quando passávamos horas pelas salas e corredores da universidade.

Davi Fernandes juntou vários aspectos, visões e histórias em um único projeto. Observar e analisar cada um deles são de suma importância para tentarmos dialogar e entender o trabalho de um fotógrafo para retratar uma cena em uma realidade exposta e que está muito próxima de nós, caminhando com a gente lado a lado.

Reunir todas essas histórias em forma fotográfica é observar como as coisas perpassam no ambiente universitário. É entender que apenas alunos não compõem toda a instituição. É saber ver que amigos felinos e caninos fazem parte da universidade. É compreender que trabalhadores como o Roberto Gomes, Sebastião e Américo Abreu contribuem para a memória histórica da UESPI. É entender que, se souber usar a saturação e o preto e branco, você pode retratar com bastante firmeza elementos de uma IES. E por fim, é saber que com uma boa foto você pode contar histórias sem mesmo precisar de palavras.

Isso é a fotografia.



A Fotografia como arte contemporânea

**Emelly Carolyn Alves
Carneiro**

FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO. REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

Tudo era novo. A velocidade dos automóveis, a iluminação elétrica, a comunicação via rádio e todos os adventos que vieram com a Revolução Industrial trouxeram também a fotografia, transformando assim a vida das pessoas, seu cotidiano e a forma como viam o mundo.

A arte de fotografar propriamente dita surgiu na primeira metade do século XIX e sua chegada causou surpresa à sociedade. As imagens eram perfeitamente familiares, trazendo fidelidade à realidade e uma riqueza de detalhes jamais vista nas pinturas renascentistas da época.



Nesse contexto, a palavra fotografia deriva das palavras gregas *photós* que significa “luz” e *graphía* que quer

dizer “escrita”. Dessa forma, fotografar nada mais é do que “escrever com a luz”. A luz desenha a sombra da mesma forma que grava o fotograma.

A fotografia é uma linguagem visual que tem como objetivo registrar a existência das coisas, as transformações causadas pelo tempo e a diversidade da cultura humana. Sendo assim, é possível afirmar que a invenção da fotografia foi o catalisador das inovações artísticas do final do século XIX e início do século XX.

De acordo com professor Entler (2007, p. 5), quando a fotografia surgiu rapidamente conquistou a simpatia das pessoas, mas precisou enfrentar duras críticas vindas de artistas que não reconheciam seu caráter estético. Como um grande advento que permitia a representação fiel da realidade, a fotografia conturbou o mundo artístico europeu. Diversos artistas acreditavam que ela substituiria os desenhos e as pinturas.

André Rouillé (2009) conta que a história da fotografia está cheia de opiniões contrárias, seja a favor ou contra sua entrada no mundo das artes. Muito se discutia sobre a essência artística da fotografia, pois na época era considerada arte aquela obra que passava por processos manuais de produção que levavam dias e até semanas para estarem prontas. Nesse sentido, alguns artistas do momento consideravam que fotografar não era arte, pois a máquina fotográfica era quem fazia todo o trabalho.

Mesmo assim, muitos artistas utilizaram a fotografia como suporte ou ferramenta para o desenvolvimento da sua obra de arte. Para Eugène Delacroix, um pintor do Romantismo, por exemplo, a máquina fotográfica era apenas um objeto didático do qual fazia uso.

Assim como a sociedade se transformou com a Revolução Industrial, as artes visuais se reinventaram com o surgimento da fotografia. Artistas pintores do final do século XIX sentiram a necessidade de mudar, buscando um maior realismo em suas obras a fim de não se deixarem vencer pela realidade oferecida nas fotografias.

De fato, o surgimento da fotografia alterou drasticamente o cenário artístico do mundo. Com isso, passaram a surgir novas formas de interpretar e pintar a realidade, onde os pintores se viram obrigados a criar algo que não pudesse ser registrado por uma máquina fotográfica, como por exemplo o cubismo e o expressionismo.

Com o passar do tempo, a relação entre arte e fotografia passou a ser mais aceita e estreita. Dubois (1994) declara que no século XIX a fotografia aspirava à arte, enquanto no século XX é a arte que vai ao encontro das lógicas fotográficas. Podemos afirmar que a arte provoca e estimula nossos sentidos e percepções, retirando-os de uma ideia ou visão pré-estabelecida e possibilitando uma nova forma de viver e se organizar no mundo. De acordo com essa perspectiva, Dubois (1994) também afirma que a fotografia retrata mimeticamente a realidade, servindo como um espelho do mundo.

Por volta da segunda metade do século XX, surge a Arte Contemporânea ou Arte Pós-Moderna. Em um contexto pós Segunda Guerra Mundial, o novo modelo veio causar uma ruptura com os formatos artísticos anteriores. Esse estilo de arte tinha por objetivo incentivar a reflexão subjetiva na obra. Aos poucos, houve a inclusão de outras formas de linguagem artísticas, como a dança, a música, a fotografia, entre outros. Por conta disso, uma das principais características da arte

contemporânea é a multiplicidade das diferentes formas de manifestações artísticas.

A fotografia contemporânea chegou no auge junto com as mídias a partir da década de 1980, com a popularização das performances artísticas nos meios de comunicação. A partir desse momento, a fotografia passou a adquirir um status de arte e novos conceitos fotográficos surgiram quando vários artistas quebraram barreiras impostas lá no século XIX entre a foto e a arte.

Nesse novo contexto do fazer fotográfico, os fotógrafos não estão necessariamente querendo representar o mundo que nos rodeia, mas (re)apresentar. Dito isso, a nova produção imagética deixa de ter relações com a realidade imediata e aponta diferentes possibilidades de olhares, não sendo mais vista como apenas um objeto indicial da existência.

Uma das principais características da fotografia contemporânea é o fato de possuir um caráter muito intuitivo, pessoal e intenso, revelando muito mais sobre o autor da própria foto. Geralmente a intenção do fotógrafo conduz o trabalho e nos leva a ver aquilo que ele quis manifestar artisticamente através da foto.

Para que seja possível cobrir um longo período de tempo e contar com diferentes tipos de tecnologias, experiências e ideias dos fotógrafos, a fotografia contemporânea é bastante diversificada e conta com variadas e distintas técnicas de produção imagética. Entre elas podemos citar o retrato de pessoas em ângulos abertos, o uso de cores para trazer mais vida a imagem, a aplicação de efeitos e distorções, como também a presença do preto e branco para dar destaque ou remeter a uma cena histórica e

fotos mais naturais e expressivas que buscavam contar uma história e causar também uma conexão.

No Brasil e mundo afora existem milhares de fotógrafos contemporâneos que apresentam incríveis e diversificados trabalhos. Sebastião Salgado é um dos fotógrafos brasileiros de maior prestígio. Em suas obras ele trata principalmente sobre as condições de vida da sociedade, apontando desigualdades sociais, revoltas e também a sensibilidade humana. Outro incrível fotógrafo contemporâneo se chama Steve McCurry, um estadunidense que traz em suas fotos cores vivas e saturadas. A maioria de suas fotos são registros documentais de conflitos internacionais, que tem por objetivo mostrar ao mundo as cruéis realidades de zonas que vivem em guerra.

Para além da fotografia propriamente dita, o mundo da fotografia também conheceu um estilo de justaposição de imagens que remetem aos sentimentos pessoais e aos diversos problemas enfrentados no mundo contemporâneo. Assim surge a fotomontagem como uma representação política e artística. Esse processo se utiliza de composições fotográficas, onde ocorrem sobreposições, ajustes, cortes e edição de imagens com o intuito de expressar artisticamente uma ideia subjetiva.

Outro estilo de fotografar que ganhou o mundo e atualmente é bastante utilizado é o Fine Art. Nesse modelo de imagem, o fotógrafo cria de acordo com a sua visão de mundo, utilizando o meio para representar contextos imaginários e utópicos.

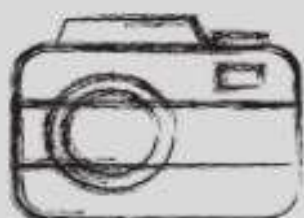
Dessa forma, se observarmos a história da fotografia enquanto arte, podemos perceber que uma foto vai muito além retratar um contexto social e político. As fotos carregam

toda a técnica e aprendizado que um fotógrafo tem para exercer a sua profissão. Além disso, também trazem consigo não só uma visão do mundo, mas também a visão do próprio artista.

O fotógrafo e sociólogo Lewis Hine uma vez afirmou que se pudesse contar histórias em palavras, não precisaria carregar uma câmera. Isso diz muito sobre o quanto as fotografias podem congelar momentos. Se a imagem fotográfica registra um tempo que já passou, ela também guarda aquele instante por toda a eternidade. Uma foto estável que estará sempre disponível, podendo ser conservada, admirada e observada repetidas vezes.

Usando uma expressão cunhada por Walter Benjamin (1993), a “arte como fotografia” nos permite desvendar novas perspectivas sobre a realidade e outras possibilidades de constituição do olhar.

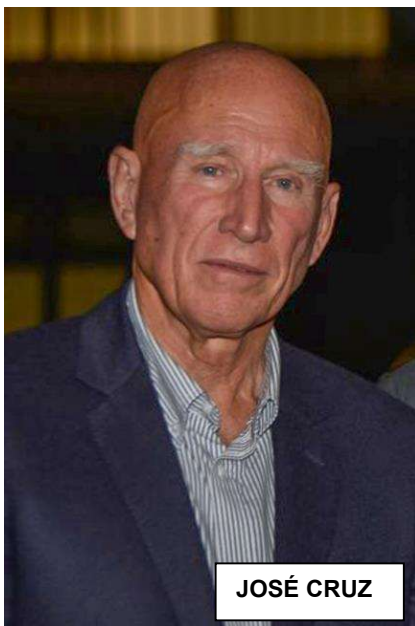
Portanto, assim como em cada período histórico, a forma de produção das imagens artísticas está diretamente ligada com a cultura comunicacional do momento que estamos vivenciando. E, sobretudo, com a construção social de modos de existência, bem como está relacionada às formas de observar o mundo que cada fotógrafo possui.



**Ensaio Fotográfico:
construindo
histórias, pelas
lentes de
Sebastião Salgado**

**Isabella Rosseline
Monteiro Silva**

“O ensaio fotográfico é uma fotorreportagem em profundidade, onde o fotógrafo pode exercitar seu lado criador”, como destaca Dulcilia Buitoni (2011, p. 94-95). Sebastião Salgado, considerado um dos grandes nomes do fotojornalismo, através de suas fotorreportagens, conta histórias de pessoas invisíveis socialmente. “Êxodos”, “Trabalhadores”, Serra Pelada e “Outras Américas” são obras



JOSÉ CRUZ

analizadas nesse texto. Projetos de destaque que merecem nossa atenção pelas suas complexidades.

Em primeiro lugar, vale ressaltar que ensaio reportagem expressa o individualismo do fotógrafo, a forma como ele enxerga o seu entorno. Sebastião Salgado, em seu livro, intitulado como Êxodos, nos desperta inúmeras sensações com sua sequência de imagens. São fotografias em preto e branco que simbolizam algo incompleto, como a vida de cada um desses indivíduos. Ademais, observamos uma característica presente em grande parte de suas obras, denúncias sociais; o corpo magro, olhar assustado, marcas na pele que demonstram sofrimento. “É uma história perturbadora, pois poucas pessoas abandonam a terra natal por vontade própria. Algumas sabem para onde estão indo, confiantes de que as espera uma vida melhor. Outras estão

simplesmente em fuga, aliviadas por estarem vivas. Muitas não conseguiram chegar a lugar algum”.

Em “Êxodos”, é documentado uma “humanidade em trânsito”. Homens, mulheres e crianças que foram obrigados a deixar sua terra, em busca de uma vida melhor. Além disso, retrata pessoas de diversas partes do mundo, mas com algo em comum, a busca pela sobrevivência.

Simultaneamente, ensaio fotográfico ou fotorreportagem, além da captura de fotos, envolve também: reflexão sobre a conexão entre as imagens, uma edição que pode expressar melhor sua intenção no trabalho e apresentação que seja mais eficiente para tocar o outro. As fotografias não precisam de um texto para se tornarem completas, elas conseguem transmitir emoções para quem as observa. Sebastião Salgado, em grande parte de seus ensaios, nos desperta um sentimento, a dor do outro.

Êxodos é subdividido em algumas sessões, são elas: “Refugiados e Migrados”, “Crianças”, “África”, “Luta pela terra” e “Megacidades”. Na parte de “Refugiados e Migrados”, revela pessoas obrigadas a sair de suas nações de origem. Vale destacar, a foto de duas mulheres de Kosovo, na fronteira com a Albânia, as duas olham fixamente para a lente do fotógrafo e possuem olhares que transparece a tristeza que sentem.

Logo após, em “Crianças”, Sebastião Salgado nos apresenta imagens de crianças todas com um semblante assustado. Através de suas imagens conhecemos uma garotinha que segura uma outra no colo, provavelmente sua irmã. “Em toda situação de crise, as crianças são as maiores vítimas. São sempre as primeiras a sucumbir a fome ou a doença. Emocionalmente vulneráveis, não tem condições de

compreender por que são expulsas de suas casas”, retrata. A sessão “África”, é dedicada a países como Moçambique, Angola e Sudão. “Luta pela terra” mostra pessoas que se negam a sair de suas terras de origem. Por fim, o fotojornalista apresenta “Megacidades”, que mostra grandes centros urbanos como Xangai (China) e Jacarta (Indonésia), que recebem muitos imigrantes todos os dias.

Por volta dos anos 1980 e 1990, Sebastião Salgado publicou diversos ensaios que faziam protestos sociais. Vale destacar o livro nomeado como “Trabalhadores”, que faz referência a homens e mulheres que trabalharam desde o início dos tempos até o momento atual. O livro possui 350 fotografias de pessoas trabalhando nos ramos de agricultura, construção, pesca e indústria.

O fotógrafo, ao longo de suas páginas, nos convida a conhecer a vida sofrida de indivíduos que realizam trabalhos árduos em prol da sobrevivência. Relata, através de suas fotos, uma sociedade sem privilégios econômicos. Ao decorrer do ensaio, podemos observar diversas fotografias que comprovam a vida sofrida dessas pessoas. Para exemplificar, temos uma imagem de três trabalhadores, dois homens e uma mulher, a única parte não coberta por terra, é ao redor dos olhos.

O homem no plano principal segura uma ferramenta e também conseguimos enxergar o cenário precário no qual realizam o ofício. Ademais, o fotojornalista também nos apresenta uma imagem de trabalhadores rurais, em uma espécie de protesto. Toda a imagem é ocupada por essas pessoas dando a impressão de uma mar de gente. Além disso, todas as fotografias têm a mesma tonalidade, preto e branca, contrastando com o semblante exausto dos ali

presentes. “Estas imagens, estas fotografias, são o registro de uma era – uma espécie de delicadas arqueologia de um tempo que a história conhece pelo nome de Revolução Industrial”, pontua.

Outrossim, é importante analisamos o ensaio que consagrou Sebastião Salgado, Serra Pelada, feito em 1986. Nesse conjunto de imagens conhecemos o “impressionante formigueiro” de trabalhadores atraídos para a Amazônia em busca de ouro. “O que esse metal amarelo e opaco que leva os homens a abandonar os seus lugares, vender os seus pertences cruzar um continente para arriscar a sua vida, os seus ossos e sua sanidade por um sonho?”.

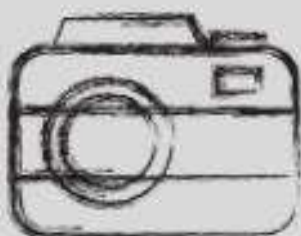
As fotografias retratam a luta, o suor, dor e diversos outros sentimentos que aqueles indivíduos vivenciavam todos os dias. Homens e mulheres de todas as idades. Trabalhadores jogados a própria sorte em busca de uma vida digna. Ademais, as fotografias são trabalhadas na mesma tonalidade dos ensaios anteriores, preto e branco, realçando as marcas de cada um dos que estavam na mineração. Os ângulos são mais abertos, nos permitindo analisar a multidão de pessoas em Serra Pelada, um verdadeiro formigueiro, como nomeou o fotógrafo.

Por fim, temos “Outras Américas”, que é o resultado de um projeto feito entre 1977 e 1983. O fotógrafo percorreu diversas cidades da Bolívia, Chile, Peru, Equador, Guatemala e México e registou os seus povos. É uma pesquisa rica em detalhes, que mostra as condições de vida daqueles moradores. Ao longo de suas 120 páginas conhecemos um pouco da América Latina, essa que muitos não enxergam. As imagens em preto e branco, característica marcante de Salgado estão presentes. Uma boa parte de suas imagens

são feitas em forma de retrato temos, por exemplo, uma fotografia onde aparecem três crianças com um olhar distante, um ângulo que mostra o céu, contrastando com a roupa branca e asas de anjo que ambas usam. Sebastião também fotografou duas mulheres com expressões tristes e um olhar vazio, uma delas estava usando um vestido de casamento e esperava no carro, a outra, direciona o olhar para algum lugar, provavelmente a mãe daquela jovem.

Em suma, fotorreportagem é uma reportagem em que o peso da informação está contida nas fotografias, que são acompanhadas apenas por legendas ou pequenas notas de esclarecimento.

Sebastião Salgado, com seu lirismo consegue transmitir informações nas suas diversas fotografias, como apresentado no texto. São imagens únicas que contam histórias de pessoas e ambientes. A forma como nos apresenta suas fotorreportagens desperta interesses por aqueles que estão sendo retratados, mesmo não contendo textos explicativos. O fotojornalista consegue transparecer o seu afeto pelos seres humanos, e isso, nos atinge de maneira única. Dessa forma, se faz tão necessário analisar suas obras, pois elas encantam quem as observa com atenção. Esse é o poder das fotorreportagens na construção de documentos sobre a vida.



**Lugar x Foto: a
criatividade e o
olhar fotográfico
como diferenciais
na fotografia**

Lara Pereira Silva

Escrever com a luz. A poesia da fotografia começa desde a sua definição. Para alguns autores, como Susan Sontag (2004), fotografia é uma forma de se relacionar com o mundo, apropriando-se do objeto fotografado e capturando a experiência. À depender da ousadia do fotógrafo resultados inesperados podem surgir, é o caso do “Lugar x Foto”, projeto idealizado pelo fotógrafo cearense Gilmar Silva em 2017. O propósito foi mostrar que grandes fotos também podem vir de lugares simples, estimulando o olhar criativo dos profissionais. O sucesso foi tanto que o trabalho rodou o mundo e Gilmar se tornou o fotógrafo mais seguido do país no Instagram, espalhando seu nome pela Europa, Ásia e América.

O diferencial encontrado nas fotografias de Gilmar é o inesperado, a surpresa de um lugar aparentemente sem potencial que traz resultados incríveis. É o que conhecemos por olhar fotográfico, ou seja, não basta ter um bom equipamento, o fotógrafo precisa exercer sua criatividade e sair da zona de conforto, experimentando ângulos, enquadramentos, luzes e até mesmo alterando pontos na pós-produção. Esse tipo de foto exige paciência e cooperação de quem é fotografado, e por isso geralmente são ensaios, fotos posadas e pré-programadas. Com tal importância, a habilidade criativa poderia ser denominada como um quarto pilar da fotografia, já que agrega no resultado final de quem sabe equilibrar velocidade do obturador, ISO e abertura do diafragma.

No caso do “Lugar x Foto”, as redes sociais tiveram um papel primordial para que o trabalho fosse divulgado e passasse a ter reconhecimento. Os ensaios viralizaram e proporcionaram a criação de vínculos com o público, tornando-se objetos de desejo da maioria dos seguidores e

sendo inspiração para outros fotógrafos. Se considerarmos as redes sociais como “extensões do homem”, baseado em Marshall McLuhan (1969), esses novos vínculos de relacionamento alteram o significado que essas publicações têm para as pessoas, que passam a expressar sentimentos e emoções e a valorizar o trabalho do profissional, elevando o nível dessas fotografias.

Esse fenômeno acontece porque as redes sociais são canais facilitadores da propagação de fotografias, e com o avanço da internet e das câmeras dos smartphones, o olhar fotográfico e a criatividade diferenciam as imagens que circulam pela rede. Uma imagem considerada “normal” tem



menos potencial de viralização do que uma foto criativa.

Exemplificando, a primeira foto do projeto que viralizou tem mais de 77.000 curtidas, enquanto as demais publicações de Gilmar tinham em média dois

mil likes. Essa diferenciação pode ser explicada pela “revelação do segredo”, pois publicar o resultado final da foto não gera tanto impacto e surpresa quanto mostrar o local simples e cotidiano em que ela foi feita.

Como o foco do trabalho de Gilmar são os ensaios fotográficos: gestantes, casais, crianças e ensaios familiares, por exemplo. A diferenciação causada pela criatividade e pelo olhar fotográfico proporciona o reconhecimento do mercado em relação à exclusividade das fotos e da experiência, causando uma sensação diferente em quem contrata esse serviço. Pois essas imagens transmitem a emoção e os sentimentos especiais vividos nesses momentos, os clientes passam a desejar e a valorizar a experiência, entendendo que não são simples fotos de recordação, mas sim investimentos. E isso ajuda a valorizar o trabalho do profissional.

Analisando publicações famosas do Lugar x Foto no Instagram alguns pontos são frequentes: a utilização estratégica da luz (que pode ser natural ou não), a procura por ângulos favoráveis ao resultado final e a criatividade ao montar a foto. Muitas imagens são feitas em locais comuns, como praças e parques públicos ou em lugares que não aparentam potencial fotográfico, como a beira das estradas. O olhar criativo proporciona que diferentes perspectivas e elementos sejam explorados pelo fotógrafo para que obtenha resultados únicos, e por isso outros fotógrafos também aderiram à ideia do projeto, que se tornou tendência na internet e incentivou esses profissionais a compartilharem suas próprias experiências criativas.

Exemplificando os pontos frequentes, observa-se a imagem de uma gestante que está em um ambiente aberto, que parece ser um terreno na beira de uma estrada, em um momento de baixa luminosidade e envolvida por ramificações secas que não são consideradas “fotogênicas”, mas que se transformaram em uma foto especial apenas utilizando-se de um ângulo favorável e acrescentando fios de luzes de LED. A

segunda gestante também aparece em um ambiente aberto, que parece ser litorâneo, dessa vez com muita iluminação. O ângulo utilizado (de baixo para cima) dá outra perspectiva para as ramificações rasteiras do local, e as coloca em primeiro plano da imagem, que está com o diafragma bem aberto focando na gestante e deixando esse primeiro plano mais desfocado.

No próximo ensaio de gestante o fotógrafo é criativo ao trazer uma técnica que utiliza-se de luz artificial, colocando um flash atrás da modelo e jogando grãos de arroz para criar o efeito ao fundo. Para congelar os grãos, a velocidade do obturador estava alta. O ângulo também foi estratégico para capturar tanto o céu quanto a faixa de areia logo abaixo. A mesma técnica criativa foi utilizada na foto do casal deitado, assim como o ângulo estratégico que captura o chão, mas nessa imagem o diafragma estava aberto para que o fundo ficasse desfocado e assim obtivesse maior profundidade de campo. Na próxima imagem, mãe e filha estão posicionadas após uma poça de água barrenta, que normalmente não seria valorizada, mas a beleza da imagem aparece após o uso estratégico do ângulo, que enquadra e captura tanto o reflexo da água quanto o céu.

Esse ângulo de captura do reflexo das pessoas na água é uma das marcas registradas de Gilmar, que utiliza essa técnica em várias situações, por exemplo em um córrego, que pelo ângulo utilizado parece bem maior na foto do que realmente é na vida real, e ao lado de uma avenida que parece ter sido coberta de água após um dia de chuva, e também não demonstra um potencial fotográfico naturalmente. Ao utilizar diferentes ângulos e perspectivas para encontrar o melhor enquadramento, Gilmar eleva o trabalho fotográfico ao

status de arte, por ter tanto cuidado em observar detalhes, iluminações e cenas cotidianas que passam despercebidas pela maioria das pessoas.

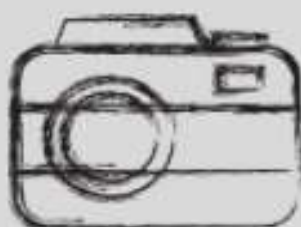
Outro ponto comum entre todas essas imagens é o uso da pós-produção, ou seja, o uso de softwares de edição após a foto ter sido capturada. Apesar de serem úteis para suavizar detalhes, colorir a imagem, melhorar a estética, fazer alterações em alguns pontos e objetos ou dar destaque para partes específicas, por exemplo, para alguns profissionais o uso de pós-produção é polêmico. Os argumentos são de que um bom profissional precisa ter a foto pronta no momento do click, enquanto outros fotógrafos acreditam que saber melhorar a foto após ela ter sido capturada também é um diferencial no mercado e valoriza o produto final.

Apesar das discussões que possam surgir, a edição não anula o poder de ter um olhar atento para os detalhes da foto no momento em que ela é capturada. Pelo contrário, a edição vem como um complemento para fotos que já estão boas e possuem um potencial de melhora, por exemplo, na intensificação de cores, para cortar objetos de distração ou deixar a imagem mais nítida. De qualquer forma, os profissionais da fotografia têm a liberdade de criar o seu próprio estilo, dando retoques básicos, mudando a foto de forma mais drástica ou não usando nenhum tipo de edição.

Todas as técnicas e olhares destacados no trabalho de Gilmar mostram como não basta dominar a parte técnica do equipamento. É preciso utilizar a criatividade, o senso crítico e o equilíbrio harmonioso das ferramentas, experimentando diferentes ângulos para obter um resultado único na foto, até mesmo se ela for feita por smartphones. Esse diferencial advém da prática, da paciência e da coragem de ousar e

FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO. REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

explorar novas composições e formas de direção da cena, proporcionando fotografias inovadoras, sensíveis e criativas.



A imagem e as suas repercussões

**Lilith Rêgo Rodrigues
Guimarães**

Já dizia a cultura popular: uma imagem vale mais que mil palavras. Como jornalistas em formação ou apenas uma pessoa que se comunica, entendo a carga das palavras, sei como elas podem ser cruéis, como elas podem acalantar e mudar o jogo da vida. Mas são esses símbolos e imagens que têm peso ou são as situações e as emoções que dão isso a elas? O que ontem era estranho e podia assustar hoje é natural, o que ontem era natural hoje assusta, mais um paradoxo que conduz o mundo e as nossas vidas. Palavras e imagens são medidas através da nossa cultura e histórias individuais.

Um fotógrafo ou um fotojornalista muitas vezes têm ideia de como sua bagagem cultural e histórica fazem diferença no recorte que escolhem para fotografar. As pessoas que vêm as fotos deles fazem uma leitura interpretativa que se transforma no recorte do recorte, muitas vezes tirando conclusões muito diferentes da real intenção do artista.



A história do fotógrafo Kevin Carter consegue representar muito bem a força de uma foto, demonstrando

como os recortes (dele e do público) têm cargas emocionais completamente diferentes. O fotógrafo com o seu trabalho chegou ao auge, ganhou o prêmio Pulitzer de Fotografia Especial de 1994. Sul-africano, conseguiu tal feito após uma viagem ao Sudão do Sul junto à ONU que estava em uma missão para alimentar tribos da região.

A foto em questão foi publicada no New York Times (dos Estados Unidos), levando o fotógrafo à glória e à depressão.

A foto realmente tem uma força descomunal. Olhar para esse recorte da realidade machuca o coração de quem vê, esse foi um pequeno momento da realidade sudanesa. Os acontecimentos anteriores e posteriores ao click não foram vistos. Se a foto tem uma alta carga, tirá-la foi também significativa.

Quando Kevin foi receber seu prêmio, em vez de ser ovacionado, como se esperava, ele foi recebido com críticas sobre o porquê de não ajudar a criança, que estava em uma situação tão precária. Esse julgamento contribuiu para o aumento da angústia do autor.

Estando cerca de mais de dez metros de distância da cena, o poder das diferentes lentes fez com que parecesse que Kevin estava a poucos passos de distância da criança, assim criando uma imagem anti-humanitária dele. Ele não conseguiu se portar em meio a situação em que essa foto o colocou, não argumentou sobre a distância da criança em relação ao acampamento da ONU. Depois desse fato a carreira do fotógrafo nunca mais foi a mesma.

Fot Jornalismo e o documentarismo já existiam faz muito tempo, a fome na África não era um tema novo dentro desse meio, fotos como essas já existiam, mas essa foi a que

virou polêmica no mundo. O feito poderia ser visto e interpretado como uma denúncia de uma realidade que precisaria ser urgentemente modificada, o que daria a foto uma importância imensurável no sentido de provocar transformações sociais.

O problema em si foi a foto, o comportamento do autor ou ela ser premiada?

Ao contrário do que muitos pensam ao ver a foto, a criança sobreviveu. Foi acolhida e alimentada pela excursão que estava sendo feita pelas Nações Unidas. É importante lembrar que a foto é apenas um recorte de um todo, depois do click a vida continuou, passos foram dados, pessoas apareceram, ações se desenvolveram, mas tudo isso não foi registrado o que confirma que fotos são recortes de um momento e não devem servir como ferramentas para julgamentos.

Em março de 1994 Kevin Carter, com apenas 33 anos, cometeu suicídio e a foto já emblemática pelo próprio ônus se tornou ainda mais forte por conta da história que a sucedeu.

Olhar para essa foto em 1993 tinha um apelo, depois de toda a polêmica ela já tinha outro, em 1994 depois da polêmica e da morte do fotógrafo ela começou a ter uma importância ainda maior. Em 2021, com quase 30 anos que ela foi tirada, ela tem um peso totalmente diferente para quem a vê.

É natural que uma pessoa que veja essa foto pela primeira vez seja mais impactado do que uma pessoa que já a viu algumas vezes. Esse é o peso de já tê-la na memória, da repetição, ou melhor, a falta de peso.

Estamos em 2021, completos um ano de pandemia no Brasil, no momento mais de vinte e um milhões de casos,

mais de seiscentas mil mortes, após o segundo pico de casos e mortes da pandemia. Estamos há um ano e meio olhando para os noticiários e vendo leitos de hospitais lotados, pessoas doentes, centenas de covas sendo abertas. E as imagens apresentadas nos jornais parecem não ter mais efeito sobre nós.

Em que momento o trabalho de relatar, informar a população e até de fazê-la indignar-se se perde e vira rotina?

A pandemia está nos mostrando que o indignar das pessoas é inversamente proporcional a quantidade de vezes que ela vê uma coisa. Alguns meses ver essa quantidade de covas serem abertas iria amedrontar qualquer um, hoje é rotina.

Se ver as fotos das covas sendo abertas não foi mais suficiente para indignar as pessoas, as fotos dos hospitais lotados começaram a ser utilizadas (usando-se os devidos aparatos legais como o blur).

Os hospitais lotados também viraram rotina.

É dever do jornalista e do fotojornalista se preocuparem com a falta de indignação do espectador?

Vamos chegar em um momento em que o número de mortes por COVID-19 vai cair, as fotos dos leitos todos ocupados vai ser passado, as covas não estarão mais abertas, ainda vai ser muito doloroso pra quem enterrou alguém, mas vai fazer parte de um passado que não representa mais a realidade. As pessoas do futuro vão ser impactadas de que maneira por esse passado que não a representa?

Quem viveu vai lembrar disso como? Nesse sentido, não resta dúvida que a fotografia cumprirá sua principal função se transformando em documento histórico. Se a

história serve para aprendermos com o passado e a melhor alternativa para esse aprendizado é conhecer a realidade, a fotografia é um atestado digno desse olhar.

Sabemos das transformações que a fotografia passou, durante muito tempo a fotografia era só para os ricos, para momentos importantes, hoje as fotos são instantâneas, ao alcance das nossas mãos, será que a facilidade influencia na banalização e a velocidade com que ela chega é proporcional à que ela chega?

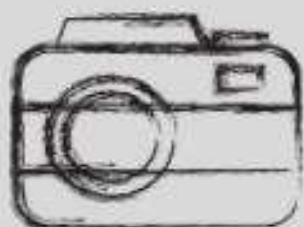
Escolher o momento de fotografar não é um ato vazio, escolhemos fotografar o que nos toca, o que nos representa como um todo ou representa o nosso momento atual. Fotografar a criança com o abutre tocou Kevin Carter, fotografar as covas e os leitos de hospitais ocupados tocou os fotógrafos. Os sentimentos deles estão ali representados e os de quem está vendo também, mas eles não são obrigados a conversar.

O mundo de hoje vive muitas deturpações, a polêmica criada em cima da foto da criança acontece, não pelo fato, não pela foto e sim pela premiação.

De certo modo parece contraditório falar da história dessa foto e das imagens da COVID-19, mas nas duas situações as fotos perderam força, uma através do tempo e outra através de suas repetições. Mas quem mudou não foram elas, fotos são estáticas, o que mudou foi nosso sentimento de importância sobre o que era retratado nelas.

As escolhas das fotos poderiam ser diferentes, outra foto de uma criança com fome, fotos da guerra do Vietnã ou até de conflitos atuais, doeriam mais em uns, menos em outros, com o passar do tempo pararia de doer. O fato é que as fotos também são fenômenos humanos.

A forma e a força com que as fotografias nos atingem é um fenômeno, a forma e velocidade com que elas perdem essa força também, é um fenômeno. Fotos inéditas podem nos atingir com muita força, rever ou ver fotos parecidas já não nos atinge da mesma forma. Uma frase de um propagandista nazista que se tornou um ditado popular, diferente do qual começamos, diz que: uma mentira contada mil vezes vira verdade. A conclusão a qual eu chego é: Uma foto mostrada mil vezes vira rotina.



**Tempos líquidos: a
democratização
fotográfica e as
novas possibilidades
de registros e
análises**

Lívia Alves Ferreira

A fotografia tornou-se cada vez mais acessível.

O produtor e o equipamento estão mais dinâmicos.

Praticamente, qualquer pessoa que possua um aparelho celular com câmera está apto para registrar histórias por meio da luz e da lente. É de acordo com este processo que os tipos e fenômenos fotográficos se diversificaram no século XXI. Com o avanço da tecnologia, as câmeras de celulares têm cada vez mais qualidade de imagem. Consequentemente, com os meios de fotografar na palma da mão e a qualidade que supre as necessidades, a fotografia está cada vez mais disseminada na sociedade.

A presente análise pretende mostrar o produto dessa facilidade fotográfica difundida e o fenômeno específico que se formou a partir dela: as selfies.

Mesmo possuindo aparelhos celulares com alta qualidade de imagem, algumas produções fotográficas deixam a desejar no seu contexto e significado. As pessoas em geral, são bombardeadas por informações imagéticas todo dia, situação que favorece a perda da capacidade de analisar segundo os gêneros, tipos e características fotográficas que exigem técnica e preparo. Por isso é necessário atenção ao classificar ou somente apontar certos produtos de forma crítica e/ou poética.

Com o surgimento da primeira fotografia nas primeiras décadas do século XIX, o meio de comunicação visual se tornou uma das principais formas imagéticas de registro e documentação de acontecimentos. A própria história da fotografia faz com que a sociedade certifique esse meio de comunicação. Com o passar dos séculos e, conseqüentemente, com o avanço tecnológico, a fotografia se tornou presente no cotidiano humano. A máquina fotográfica

também ficou, relativamente, acessível no mercado. Hoje em dia, já existem desenvolvedores de aparelhos celulares com câmeras embutidas de alto potencial e qualidade.

Smartphones com alta ou média tecnologia conseguem criar um produto fotográfico aceitável. Mas a questão é a qualidade técnica e a estética presente nesta imagem. Atualmente, é comum a “obsolescência programada” dos tipos de produtos fotográficos adquiridos por essa democratização e popularização dos meios de se fazer fotografias. As pessoas, bombardeadas por imagens todo dia e toda hora, estão consumindo mais fotos e menos conteúdos fotográficos. A elaboração acelerada de informações imagéticas e visuais tem exigido cada vez mais que pessoas absorvam mais rápido, e descartem também, essas fotografias.

Mas não foi de um todo ruim essa democratização fotográfica. Pelo contrário, as invenções de máquinas fotográficas ocorridas ao longo do século XX possibilitaram melhorias que aumentaram a proliferação de equipamentos facilitando registros instantâneos de acontecimentos testemunhados em tempo real. Quando câmeras imediatas como a Polaroid ficaram mais acessíveis na década de 1970, pessoas comuns, que não se denominavam fotógrafos profissionais, se arriscaram no mundo da fotografia e se sentiram mais incentivadas a registrarem seu cotidiano. Assim, houve um ‘boom’ nos anos 2000 de pessoas comuns explorando o fantástico mundo da fotografia. De lá para cá, os avanços não pararam. Hoje temos câmeras de alta definição em celulares, editores e criadores de imagens, equipamentos fotográficos que facilitam a obtenção da imagem desejada e etc.

Dentre esses novos produtos fotográficos, um fenômeno que se tornou bastante popular é a selfie. Caracterizadas pela performance de tirar uma foto de si mesmo utilizando a própria extensão do corpo ou algum equipamento manuseado por si próprio. As selfies são bastante veiculadas em mídias sociais e às vezes servem até mesmo como foto documento. Na rede social Instagram, a hashtag selfie chegou a registrar em março de 2021 mais de 445 milhões de compartilhamentos.

As selfies são fotos tiradas de si mesmo com ângulos que geralmente só enquadram a pessoa. Paisagens de fundo, grande quantitativo de pessoas ou registros de corpo inteiro são difíceis de conseguir nessa modalidade. Pode-se dizer, levando em consideração este fenômeno fotográfico, que a fotografia transcendeu o papel de documentar, registrar ou atender a padrões técnicos. Essa modalidade de tirar fotos de si mesmo, vem única e exclusivamente como forma de expressão, fugindo do entendimento apenas de registro ou documentação. As selfies nos ajudam a praticar liberdade de expressão e nos auxiliam no processo de aceitação de nós mesmos.

Outro diferencial das selfies é que elas não são, geralmente, veiculadas em jornais, revistas, livros, álbuns de família ou expostas em vitrines, lugares que costumam conter imagens fotográficas como acervo. As selfies são reportadas em meios sociais virtuais. Porém, vez ou outra, é comum observarmos a presença destas em portais de notícias, blogs e afins, percebemos, dessa maneira, a importância imagética que esse produto fotográfico efêmero tem para o meio virtual. As selfies não deixam de ter valor fotográfico por conta de seu contexto instantâneo. De outro modo, é possível afirmar que

justamente elas (as selfies) fazem sentido com o cenário contemporâneo em que foram produzidas.

Ao longo do século XIX, quando a modalidade de auto retrato por meio de uma câmera ia surgindo, uma série de melhorias foi chegando ao mercado. Um exemplo dessas melhorias é o self-timers, criado no final da década de 1880. O aparelho permitiu, com uma facilidade maior, fazer auto retratos visto que dava de cinco a dez segundos para o sujeito posicionar-se na cena. Depois disso, o grande avanço que se teve foi o lançamento de uma câmera portátil pela tradicional marca Kodak em 1900. Com esse enorme avanço tecnológico, a técnica de auto retratos se generalizou dentro da sociedade.

As selfies são amplamente difundidas no mundo inteiro mesmo tendo esse caráter mais amador. Por esse motivo, ter um equipamento fotográfico de ponta hoje em dia significa que a pessoa é profissional da área e ganha a vida com isso. Mesmo com essa afirmação, fica difícil rotular ou definir um proprietário de câmeras profissionais já que há muito tempo o apetrecho deixou de ser exclusivo de profissionais da área.

Por causa desse novo fazer fotográfico, imagens instantâneas puderam correr o mundo e despertar discussões de pautas importantes. Como exemplo, as selfies de mulheres com o punho levantado significam a resistência da frente de mulheres contra o feminicídio. Gesto parecido é entoado pelo movimento negro #blacklivesmater, onde o punho para cima reforça a importância de vidas negras. Além do caráter de luta, os gestos para selfies também podem conter um pedido de ajuda, como é o caso das mulheres vítimas de violência doméstica que se viram presas dentro de suas casas com seus agressores e dentro de segundos puderam pedir amparo

FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO. REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

por meio de uma foto. O ponto a ser discutido dentre as gerações futuras é a crescente segregação das fotos ditas “amadoras” e das fotografias produzidas “profissionalmente”. É muito importante ter em mente que com os avanços tecnológicos os meios de se fazerem fotografias mudaram, então o mais justo seria a modificação, também, dos critérios de análises e categorização.



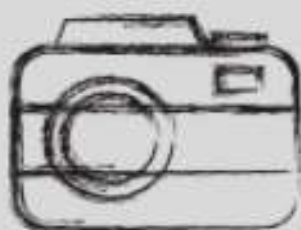
FIBONACCI BLUE

É sabido dizer que com a democratização da fotografia, pessoas em geral, puderam usufruir da troca de informações acerca de conteúdos imagéticos produzidos. De ponto negativo, podemos citar a desvalorização do profissional da área que ganha sustento por meio da atividade. Além disso, a tendência fotográfica das selfies

estimulou uma nova forma de comunicação por meio de expressões.

O homem é por si só um ser mutável, é natural que seus inventos e meios de produção também mudem conforme o tempo. As novas formas de registros e expressões reforçam essa teoria. Por consequência, os produtos fotográficos antigos ganharam um novo significado e os produtos atuais ressignificarão os modelos analíticos já vigentes. A sociedade, assim como os avanços tecnológicos, que foram capazes de fazer câmeras fotográficas com alto nível de qualidade e smartphones multitarefas, se adaptará aos novos resultados provenientes desses equipamentos.

Para concluir é necessário dizer que, embora toda essa facilidade de produção imagética e adaptação da sociedade a esses resultados obtidos, não podemos perder nosso senso crítico e capacidade de buscar sempre mais, sempre o novo. Inovar é fundamental para se ampliar os métodos de estudo, avaliação ou até mesmo apreciação.



Monocromático e melancólico

**Luís Ricardo de Sousa
Claro**

JOHN SPRINTS



A fotografia carrega o arquétipo de ser realista, a verdade nua e crua, mas toda verdade possui uma história para que seja intitulada como tal.

As primeiras fotografias eram monocromáticas por conta da tecnologia utilizada na época. Com o passar do tempo e a revolução das fotografias coloridas, esse método, mais comumente em preto e branco, tons de cinza ou sépia, passou a ser incorporado socialmente como uma espécie de conceito, muitas vezes para externar algo dramaticamente.

Isso não se deu em apenas um ambiente, ou seja, podemos observar isso desde a fotografia cinematográfica utilizada durante La Nouvelle Vague, com Godard e Truffaut, até os trabalhos fotojornalísticos de Sebastião Salgado.

Ainda falando sobre verdades escritas através da fotografia, podemos citar esse conceito como um dos mais

eficientes para essa execução, e o motivo é claro, as formas ficam mais definidas e conseqüentemente o que se procura evidenciar fica mais à mostra, nós conseguimos ver de forma mais nítida o jogo de luz e sombra que compõe e escreve a história que o fotógrafo quer contar. Como exemplo, podemos colocar duas ampliações de uma mesma imagem lado a lado, uma em preto e branco e a outra colorida, nas duas nós temos uma imagem do céu, independente do horário e condições da composição, a imagem que vai nos instigar mais rapidamente à reflexão vai ser sempre a que está em um tom só, pois longe das distrações das cores nossos olhos procuram os detalhes da imagem.

A melancolia chega a ser uma consequência intrínseca desse artifício que é o monocromático, podemos tomar como exemplo o fotógrafo húngaro Robert Capa, por conta da época em que viveu, o equipamento que lhe era disposto fazia com que suas fotos fossem sempre em tons mono. A reflexão que eu gostaria de fazer é sobre uma comparação entre as várias fotos de guerra que Capa produziu e um icônico ensaio com Pablo Picasso na praia, em uma foto específica Picasso se encontra de bermuda e segurando um guarda chuva, em seu rosto um sorriso tímido. Talvez a intenção do fotógrafo não tenha sido essa, mas o ensaio, assim como suas fotos de guerra, nos instiga a pensar sobre o que poderia estar acontecendo no momento, não é apenas uma simples foto descontraída de um famoso pintor, acabou se tornando um convite à reflexão.

Esse conceito fotográfico que o monocromático carrega está tão presente dentro do senso comum que podemos notar sua reverberação através de outras produções artísticas da cultura popular, a exemplo disso temos um trecho

da música Black da banda estadunidense Pearl Jam, que diz: “...And now my bitter hands, cradle broken glass of what was everything, all the pictures have all been washed in black tattooed everything, all the love gone bad turned my world to black...”.

E em livre tradução, significa que todas as memórias do autor foram transformadas em fotografias preto e branco após um acontecimento ruim, remetendo à esse tipo de fotografia uma tristeza profunda. Assim, fica claro que o estilo de fotografia monocromático carrega uma carga emocional muito pesada, e que, na maioria das vezes é possível ver presente a melancolia.

Na atualidade, diferente de Capa que teve sua produção total em tons monocromáticos, temos Annie Leibovitz, retratista estadunidense, famosa por suas fotografias de celebridades. Ela, ainda que tenha acesso a equipamentos que permitem uma composição fotográfica “moderna”, faz o uso desse conceito monocromático para, mais uma vez, instigar o nosso olhar. Um exemplo particular, é o ensaio feito com a artista Louise Bourgeois em 1997. A foto de início parece ter uma composição simples, apenas a artista em uma foto clicada de perfil em que ela usa tons de cinza na composição da imagem. Para quem não conhece Bourgeois, a foto convida a conhecer, e para quem já conhece o seu trabalho a foto carrega toda a complexidade de suas esculturas, fica imensa.

No Brasil, e dentro do fotojornalismo, o trabalho de Sebastião Salgado é referência quando falamos em fotografias monocromáticas. Suas fotos em si já carregam um peso social enorme, e a escolha desse conceito na composição fotográfica de seus trabalhos faz com que todo

esse sentimento fique explícito. Em uma entrevista notável para o jornal El País, Salgado rebate a crítica sobre suas obras possuírem uma “estética de miséria”. E o que podemos extrair dessa entrevista é que, viajando todo o mundo e tentando enquadrar todas as possíveis culturas, o mundo é um lugar miserável. No livro Diante da dor dos outros (2003) da escritora Susan Sontag, ela discorre sobre essa representação da miséria e sofrimento que a fotografia pode carregar, destaca a importância, sem esquecer das problemáticas disso para formação do fotojornalismo atual. Salgado é um produto dessa construção histórica do fotojornalismo de guerra, mas a guerra retratada por ele é diária, é a fome, desigualdade social, exploração do humano. Tudo isso não deixa de ser melancólico e problemático, mas o problema em si não é a foto e sim a situação.

Definir esse conceito de fotografia como uma composição “crua” é equivocado, lembrando que a fotografia é o estudo da luz. Uma das coisas que devemos levar em consideração quando optamos por seguir por essa técnica é, por evidenciar as formas e sombras, os ruídos também passam a ser mais aparentes. Temos que ter em mente que estamos pintando um Goya com a câmera. O estudo técnico em todos os tipos de fotografia é imprescindível, mas quando optamos por esse conceito, precisamos lembrar que a melancolia em si já é uma tragédia, mas uma tragédia representada com erros pode virar uma catástrofe.

É importante lembrar também que o drama é intrínseco ao monocromático mas não é artifício apenas desse conceito, a fotografia colorida pode vir a precisar de uma composição maior e mais elaborada para que consiga transparecer determinado tom dramático. O uso da técnica e do

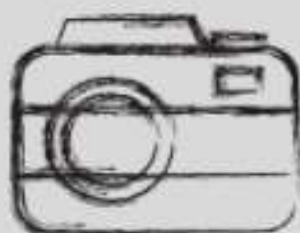
conhecimento sobre fotografia se torna básico quando falamos de melancolia em fotografias coloridas, geralmente, quando são feitas, aparecem sempre em campo aberto para que possa evidenciar a situação retratada.

O fotojornalismo não é feito, em sua maioria, em tons monocromáticos, por isso é de suma importância que o profissional saiba como lidar com a situação e mensagem que deseja retratar. Ângulos mais fechados também são muito bem vindos, mas devemos entrar com outro artifício, buscar enquadrar expressões, você pode tirar a foto de uma criança em um campo de futebol vazio segurando uma bola tentando representar que o sonho dessa hipotética criança seja tornar-se um jogador, mas não garante que essa mensagem seja captada. Mas quando você enquadra essa criança, mostra ela de perto, seu olhar, seus traços, você sabe que existe uma história que vai muito além de uma criança brincando com uma bola. É claro, sem esquecer também, como em todo produto fotojornalístico, é importante que o texto e contexto sejam apresentados.

No ensaio *A caverna de Platão* de Susan Sontag, publicado em seu livro *Sobre fotografia* (1977), ela diz que existe uma agressão implícita em qualquer emprego da câmera, no ensaio ela discorre sobre os produtos fotojornalísticos em períodos de guerra, conseqüentemente monocromáticos por conta dos equipamentos à disposição durante esses períodos, e o que podemos tirar de conhecimento sobre isso é que, toda essa agressão implícita foi o que acabou construindo esse conceito melancólico de fotografias monocromáticas. Levando em consideração que o drama de uma guerra em si já carrega uma carga emocional muito grande, tirar a cor de todos esses acontecimentos faz

com que o momento se torne uma tormenta para quem olha o registro fotográfico.

Podemos concluir que, o conceito de fotografia monocromática está diretamente ligado à melancolia, podendo ele facilitar a expressão dramática de uma imagem, mas que técnica e contextualização ainda são coisas imprescindíveis para que se componha uma história e faça dela uma verdade, ou seja, devemos nos abster do pensamento senso comum de que um imagem vale mais que mil palavras, pois o conceito apresentado aqui pode facilitar na representação dramática de uma cena, mas a composição final é o que de fato importa e é o que vai definir o significado do produto fotográfico.



Os números já não impactam

**Maria do Socorro de
Moura e Souza**

Para este trabalho foram selecionadas fotos sobre o tema COVID-19. Estamos ainda vivenciando a pandemia, e para este período todas as perspectivas são chamativas, pois o fator morte/vida é latente e se alternam. De fato, esse binômio é explorado à exaustão tanto pela gravidade em si, como também uma questão de necessidade. A forma como a população encara a pandemia tem refletido nos registros diários, e também no que fica para posteridade. Logo, as fotos seguem o critério de fenômeno fotográfico ou fotojornalístico visto que causaram comoção, promoveram debates e reflexão, pois desde o primeiro caso registrado no Brasil, até o presente registro fotográfico – e posterior continuação – ainda parecia que não tínhamos acordado para a gravidade da situação. É um exemplo claro da importância do fotojornalismo.

Analisamos inicialmente fotos de um registro feito do Complexo da Vila Formosa, o maior cemitério da América Latina. Está localizado no bairro de mesmo nome – Vila Formosa – zona leste da capital paulista. O fotógrafo foi André Penner da Associated Press (AP) – uma agência de notícias que como eles mesmo definem “nossa missão é informar o mundo”.

O fotógrafo em questão mantém conta em redes sociais de diversos registros com grande capacidade jornalística. Porém, não há menção a ser um fotojornalista, apenas registros e descrições breves sem maior contextualização. Outras capturas retratando a pandemia no Brasil foram feitas após os registros das fotos escolhidas. Tudo muito impactante, e falam por si só. Assim, os registros foram realizados nas datas de 1º de abril e 1º de maio. São sequências que procuraram retratar o alastramento da doença

através do aumento do número de covas. A associação foi dolorosa, impactante, porém teve grande repercussão fazendo com que o prefeito de São Paulo a época (e reeleito), Bruno Covas (PSDB), se manifestasse tentando amenizar os que as imagens gritavam: a pandemia estava fora de controle.



A comoção não foi apenas interna. Houve também repercussão internacional. O jornal em questão foi o The Washington Post (dos Estados Unidos e um dos maiores do Mundo). Com a chamada “Contagion could crush developing world – experts fear what COVID-19 will do in nations left vulnerable by marginal health care, deep poverty (em tradução livre: contágio pode esmagar o mundo em desenvolvimento – especialistas temem o que o COVID-19 fará nas nações vulneráveis por conta de cuidados de saúde precários e

pobreza profunda) o impresso americano reproduziu a foto de André logo no dia seguinte da captura. E recebeu destaque. Na reportagem, apontaram ações positivas como as do Peru, assim como também o estado de negação de outros chefes de nação, a exemplo do Brasil. A potência informativa de uma foto fazendo o casamento justo e necessário que o momento pedia. Era mundo se manifestando, era a foto em um contexto fotojornalístico fazendo seu papel de informar, e no caso, com o apelo de alertar.

Dando continuidade, quando remetemos para os gêneros jornalísticos, podemos enquadrar as fotos, no meu entendimento, em dois gêneros: notícias em geral e foto-reportagem. A justificativa para notícias em geral é no aspecto das fotos escolhidas, pois como mesmo definido nas explicações na sala de aula, “são as fotografias jornalísticas planejadas e bem intencionais, principalmente com a exacerbação do trabalho em ‘s’, ‘f’ e ‘ISO’”.

Para estes registros, observa-se um distanciamento do plano focal, foi usado uma grande angular, (assim como um ISO de menor sensibilidade, pois claramente, foi feita durante o dia).

Dessa forma, mais camadas são registradas e percebida uma maior profundidade de campo, ou seja, mais detalhes para serem observados pelo leitor. Os ângulos da captura, presume-se, foram articuladas para que cause o impacto pela quantidade de covas em aberto. É algo intencional, até mesmo pela distância que se encontra, foi necessário planejar de qual local seria tirada a foto. Quando essas características são invertidas, provavelmente o objeto em destaque seria para contar a história de alguém, o que será abordado mais à frente.

Quando menciono que também poderia ser registros característicos de foto-reportagem é baseado no em outro aspecto também demonstrado em sala de aula: “são os conjuntos de histórias em fotografia que situam, documentam, mostram evoluções e caracterizam devidamente uma situação real e pessoas que a vivem”, ou seja, são fotos com um antes e depois, demonstram a evolução da doença e também caracterizam a situação, que inclusive, ainda permanece entre nós.

Algo interessante a ser observado que tais fotos causam, não é apenas nos impactos diretos, mas também nos indiretos. A partir do choque inicial que a informação fotojornalística traz, percebe-se que outros meios também passam a dar mais importância aos personagens que estão envolvidos naquele fato, como por exemplo, os coveiros. A revista Piauí, em uma incursão por relatar o tema COVID sobre outra perspectiva, logo após a repercussão da matéria do cemitério da Vila Formosa, também produziu matéria em que o profissional que também está na linha de frente – porém não é lembrado como tal – ganha maior visibilidade.

É o que conferimos em “Tudo acaba em barro – um coveiro em Manaus conta seu cotidiano durante a pandemia”. Reportagem produzida em julho daquele mesmo ano e conta a história de Marcos Antonio da Silva Santos. Dessa vez, do cemitério de Manaus, o Nossa Senhora Aparecida, outro local que também ganhou destaque por abrir covas coletivas. Mas o direcionamento foi dado por Marcos Antônio e pelos relatos de seu dia a dia. Ele conta o lado da COVID que não é muito abordado pela agenda jornalística.

Em termos fotojornalísticos, a captura é de um homem negro, economicamente está na base da pirâmide, e a

margem da sociedade. Os relatos são poderosos e no caso a foto emoldura bem. Afinal, as sinalizações de mortes pela cruz estão a perder de vista. É uma intencionalidade, pois como mesmo relata Marcos, em um dia “normal” não passa de 20 corpos. Neste dia já chegava a 115. E essa quantidade de corpos fora da média é perceptível pela foto que possuem uma profundidade de campo média, ou seja, há o destaque para o personagem da matéria, porém o desfoque também passa a informação que os mortos não foram enquadrados no registro mais nítido nesta foto, pois são inúmeros, a perder de vista. Igualmente chocante as primeiras fotos, só que um outro panorama. Em termos de gênero jornalístico, classificaria também em notícias em geral pelo planejamento e intencionalidade.

Este trabalho apresentou três registros, sendo que o conjunto formado apresenta o tema COVID na perspectiva da morte, tanto pela simbologia das covas coletivas, como dos personagens que também compõem a história, no caso do profissional coveiro. É um tema delicado, em que sua delicadeza está em se tentar enveredar pelo assunto tabu e consequência mais imediata, que é a morte, assim como também forte, pois são humanos. Trouxe o objeto cemitério, como também o aspecto mais humanizado, o coveiro.

Qual abordagem mais impressionante?

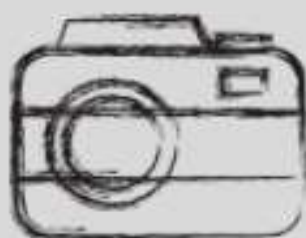
De qualquer forma, temos as fotos que por si só fornecem informações, e que jornalisticamente têm efeitos e fazem parte de um fenômeno que permanece, mas que desejamos que não se estenda.

Abordei uma matéria mais informativa, noticiosa assim como uma matéria mais literária, em que aspectos mais descritivos e pessoais vêm à tona. E que suas fotos casam

perfeitamente bem, e arrisco a dizer que pelo poder que possuem, podem protagonizar mais relatos, e as mais diferentes histórias.

A palavra é mesmo protagonizar, uma vez que levam o leitor a querer saber o que está por trás daquele colorido tão bonito, mas ao mesmo tempo mórbido. Temos que lembrar, que é um momento que vai ficar para história, pois foi o primeiro com aquele enfoque. Pena que o profissional que trabalha diretamente com registros não seja tão valorizado, e seja escasso nas redações. Mas o recado que fica é que em meio ao negacionismo e a inaptidão dos líderes, o jornalismo, mais precisamente o fotojornalismo, ainda se faz importante, pois é o despertar para um momento em que as pessoas parecem anestesiadas e não mais se comovem com números.

Precisamos de rostos, de imagens.



**Atuação do
Fotojornalismo no
atentado ao World
Trade Center**

**Maria Vitória Caroline
de Sousa Ancelmo**

Os ataques terroristas do World Trade Center em 2001, generalizadamente conhecidos apenas como “O 11 de Setembro”, foram uma série de ataques suicidas contra os EUA, coordenados pela organização fundamentalista islâmica al-Qaeda, que vitimaram quase três mil pessoas de mais de 70 nacionalidades. A repercussão mundial do ocorrido foi quase que de forma automática, mas o foco deste ensaio não é necessariamente as notícias que correram por todo o mundo com o fato, mas as imagens que deram vida às trágicas lembranças do atentado.

Circulando por todos os veículos e jornais mais famosos do mundo, os registros fotográficos foram de grande valia, tanto pelo ineditismo, quanto pelo impacto visual das imagens que contam a tragédia por si só. Como a exemplo a sequência de imagens que foram registradas e publicadas antes, durante e após os ataques. Como as de grande circulação do exato momento em que o Boeing 767-222, do voo 175 da United Airlines, se aproxima da torre sul do World Trade Center, antes da segunda colisão, logo em seguida o registro feito e publicado durante esse segundo atentado e por



fim o desabamento do prédio. Essa sequência de imagens individualmente representando, cada uma, o gênero fotojornalístico de Spot News e seguidas representando uma fotorreportagem, com intuito documental, destacando a sequência dos ocorridos, exala visualmente a proporção da tragédia, passando sozinhas a mensagem do atentado e a sua dimensão.

Assim como diversas outras que tiveram grande repercussão, como o trabalho dos bombeiros nos escombros, o resgate dos sobreviventes, a procura dos corpos, dentre outras dezenas de cenas fotografadas que marcaram aquele período, já que duraram meses as buscas e os trabalhos no local após o atentado, pois somente para cessar todo o fogo causado pelas colisões levaram quase cem dias e dentre todas as quase três mil vítimas, cerca de 1.164 delas não foram identificadas. E durante esse período muito material fotojornalístico foi coletado e propagado pelo mundo, mas um deles chamou mais atenção para o foco deste ensaio.

Conhecida Como The Falling Man (O Homem em Queda ou O Homem que Cai, em português), a fotografia que rodou o mundo, causando uma série de reações diferentes, consternações e críticas foi registrada pelo fotógrafo Richard Drew, que trabalhava para a Associated Press na época. A imagem apareceu em todos os grandes jornais, entre eles o The New York Times, e gerou o que hoje poderíamos chamar de uma polêmica generalizada.

Toda a problemática foi gerada pela enxurrada de críticas que os jornais receberam de seus leitores, por considerarem a imagem perturbadora e imprópria para a circulação, diferentemente das outras que foram publicadas durante o período da tragédia e que não causaram nenhum

tipo de oposição. Mas o que torna essa imagem especial para isso? Bom, o fato é que muitas pessoas, ao visualizarem a cena que a fotografia transmite, consideraram que os veículos estavam circulando uma imagem representando o momento exato de um suicídio.

A reação dos leitores não é algo que se possa considerar surpreendente, já que, por questões morais, éticas e sociais a mídia evita a todo custo circular notícias ou imagens que remetam diretamente ao suicídio, como uma forma de evitar o conhecido e denominado Efeito Werther. A obra do poeta alemão Goethe "Os Sofrimentos do Jovem Werther", lançada em 1774, narra como uma desilusão amorosa levou o personagem do título ao suicídio. A publicação do romance, embora ficcional, provocou uma onda de suicídios pelo mesmo motivo.

Mas a questão é que: não foi um suicídio.

Oficialmente, todas as mortes do atentado foram consideradas homicídios, com exceção dos sequestradores dos aviões comerciais, e as pessoas que se atiraram dos prédios, como no caso da foto, não haviam premeditado pular dezenas de andares com o intuito de tirar a própria vida, elas foram forçadas a sair no momento do impacto, devido à fumaça e às chamas, em um ato de desespero para tentar se livrar de qualquer forma daquela situação, com as duas únicas opções de ficar no prédio em chamas ou pular dele, mas com uma única finalidade: a morte.

Esse é o grande diferencial dessa foto, ela não só mostra a dimensão material e estrutural da tragédia, mas relata profundamente a proporção do desespero humano durante a situação, um desespero que encoraja alguém a saltar centenas de metros de altura em colisão com o solo,

sem nunca sequer ter planejado ou pensado nessa hipótese em qualquer outra situação da sua vida antes daquele momento. Como bem afirmou o teólogo Mark D. Thompson do Moore Theological College, que diz que, como encontrado na Wikipedia, “Talvez a imagem mais poderosa do desespero no início do século XXI não seja encontrada na arte, literatura ou mesmo na música popular. Pode ser encontrada em uma única fotografia”.

Também não se pode deixar de destacar a agilidade e sensibilidade técnica do fotógrafo em captar essa imagem, que se caracteriza dentro do gênero fotojornalístico como uma Spot News, no exato momento em que esse homem, até hoje nunca oficialmente identificado dentre as vítimas, está em queda livre ao jogar-se do prédio. Dentre as diversas buscas feitas para a realização deste ensaio, procurando-se em sites, obras, vídeos e entrevistas daquela época, foram encontradas informações, em dezenas desses sites, que o próprio Richard Drew forneceu, de que essa é apenas uma das dezenas de capturas que ele fez desse mesmo homem enquanto caía por

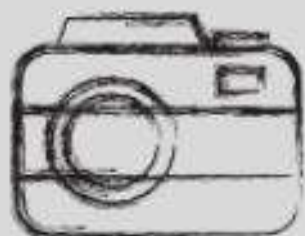


metros. O fotógrafo também relatou que essa sensação e percepção visual que a fotografia transmite de que o indivíduo estaria caindo de cabeça para baixo é um tanto falsa, já que, devido a altura da queda, o corpo do homem girava descontroladamente no ar.

O que leva à conclusão de que ele estava usando um número bem alto no obturador da máquina para que conseguisse congelar a cena em uma só imagem, tirando a sensação de movimento, e deixando o impacto visual e percepção sentimental da situação e da queda naquele dia trágico.

A tragédia do 11 de Setembro de 2001 foi marcante e continua sendo inesquecível para grande parte do mundo e as memórias imagéticas e visuais do período, registradas por fotojornalistas, foram de imensa importância e contribuíram não só como registro documental do maior ataque terrorista dos Estados Unidos da América, mas como marca visual de uma tragédia humana.

As diversas imagens até hoje disponibilizadas em livros, jornais, revistas, sites, etc, ficaram gravadas na memória de muitos e a *The Falling Man* é considerada uma das 100 fotografias mais famosas do século XXI, que foi escolhida para ser foco deste ensaio por se apresentar com uma aura de instante decisivo, por ser o tipo de fotografia que impacta e nos faz refletir sobre um momento histórico triste e muito marcante em nossa sociedade.



**A fotografia
submersa no
oceano de
imagens**

**Marielle Muniz
Rodrigues**

A fotografia resiste hoje sufocada numa profusão de imagens que não comunicam ou quando comunicam dizem muito pouco sobre algo que já foi dito repetidas vezes. Ultrapassando a barreira do filme, a maior capacidade de clicks nos transforma em acumuladores de imagens e nos distancia da capacidade sensível de desenhar com a luz, que é a arte da fotografia.

Essa proliferação de imagens comportadas em álbuns digitais que necessitam de uma ferramenta que avise que a imagem é uma lembrança, nos lembra que há uma diferença tênue que distingue uma obra fotográfica de uma simples imagem, pois que a fotografia é a lembrança do encontro do fotógrafo com o “momento decisivo”, e não algo que precisa se fazer lembrado, sendo ela a própria lembrança em si.

A compulsão pela visibilidade, a reprodução das mesmas cenas, mesmos lugares, as imagens duplicadas, as imagens batidas, copiadas, imitadas, afogam a fotografia e deixam a sociedade submersa nesse oceano digital de imagens. A foto vem sendo vista e utilizada como comprovação da viagem feita, como produto, como consumo, como comprovação de um comportamento social, como confirmação de status, como atestado de vivência, como construção de um perfil humano alimentado e delimitado por imagens.

Consumimos imagens ao mesmo passo que elas nos consomem, com a mesma voracidade e com a mesma rapidez, também com a mesma rapidez elas se esvaem das nossas memórias. Vivemos em um mundo onde as imagens imperam soberana sobre os homens, há em nossa sociedade uma urgência em produzi-las, há uma urgência em consumi-las, há criações de demandas para que essa profusão de

imagens continue sendo produzida incessantemente e consumida insaciavelmente também.

As redes sociais se configuram como grandes impulsionadoras dessa rede de consumo, produção e compartilhamento de imagens. As redes também alteraram a forma como capturamos o momento, disponibilizando filtros diversos para montarmos uma composição que é repetida por outros tantos usuários, o que podemos notar que a repetição é uma forte marca desse período em que as imagens imperam e a fotografia fica à margem.

Algo que nos faz refletir acerca disso é que enquanto que a fotografia nos fala sobre um olhar singular e muito particular para se fazer uma foto, vemos o oposto acontecer nesse cenário saturado de imagens, onde a conformidade com as outras produções é o que é valorizado, onde o que se repete é o que é curtido e ressaltado. Há uma busca pelo trivial, pelo não estranhamento, nessa série infinita de imagens compartilhadas, onde a diferença não ganha espaço.

A pura e simples reprodução mecânica do ato de tirar fotos, reduz a nossa singularidade no olhar a um olhar acostumado. A nossa reflexão sobre o que queremos enquadrar é reduzida a um formato estagnado e pronto, nos fazendo permanecer no ponto inercial dessa simplificação do modo de fazer imagens. Essa automatização afasta o homem da fotografia e o mantém dentro dessa espetacularização do domínio da imagem. A perda do momento presente pela preocupação insaciável de produzir o mais do mesmo, leva a perda do “momento decisivo”, estamos tão distraídos em capturar tudo e a todo momento que perdemos o instante da fotografia e os instantes da vida, para dar continuidade a proliferação de imagens, impedindo que esse fluxo estanque.

Em nosso cenário social atual é lugar comum disputar o meio com celulares apontados para tirarem fotos ou câmeras se sobrepondo e capturando o ambiente a cada átimo de segundo. Shows, museus, salas de aula, os mais diversos ambientes são alvos desse modo de vivenciar o mundo tendo como mediador dessa vivência o ato de tirar fotos.



Sem sequer esboçar a preocupação de vivenciar o mundo, o momento presente sem a interferência de o registrar compulsivamente através de fotos, como se tornar o momento em foto fosse dar a anuência da existência desse momento, como se um momento necessitasse indiscutivelmente e imprescindivelmente de uma foto para torná-lo real e isso é o que nos diz que estamos mais inclinados a nos tornar meras amostras de fotos digitais e nos preocupar em que essas amostras cheguem ao consumo, que tem caráter efêmero, do que vivenciar momentos e imortalizar momentos, que é a essência do ato de fotografar.

Susan Sontag em seu ensaio Sobre Fotografia, nos aponta uma alusão que nos permite visualizar e compreender a relação que estabelecemos com as imagens: “A humanidade permanece, de forma impenitente, na caverna de Platão, ainda se regozijando, segundo o seu costume ancestral, com meras imagens da verdade” (2004, p. 13). Com cópias e mais cópias montamos um cenário pouco real do mundo, fugindo do real, sendo esse o lugar que ainda comporta e abriga a fotografia. O fotojornalismo se sobressai dentro desse oceano de imagens iguais, e se configura como um segmento da fotografia que valoriza a capacidade de reflexão que uma foto abarca, tanto no âmbito pessoal quanto no âmbito social.

Por mais que esse segmento ainda encontre espaço e tenha esse seu espaço reservado dentro da sociedade, o seu consumo não alcança o mesmo índice nesse fluxo de imagens, pelos temas que aborda, pelas interrogações que suscita e incita, pela diferença que exalta, pela não conformidade com as imagens produzidas para o consumo fugas, isso que o distingue é o que o faz produzir fotografia e não meras imagens, é o que liga esse segmento a arte e o distancia da cópia.

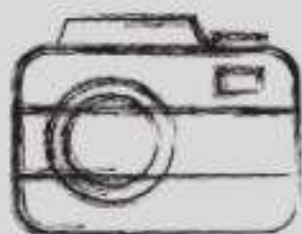
Com isso, podemos refletir a esse respeito do ser social, e nos fazer questionamentos fora do lugar comum que possamos estar situados, fora do lugar de quem faz a foto e pensarmos no porquê de fazermos a foto, pensarmos nas demandas que estamos criando, para quem estamos criando, a fim de que estamos criando, para ser consumido por quem. Se faz necessário repensar se essa produção repetitiva de imagens que são cópias das cópias está nos banindo de visualizar o real, se estar nos distanciando do ato real.

Há uma ausência muito presente nesse hábito automático de se tirar fotos, há um desligamento entre quem faz a foto e o momento a ser capturado, como se a foto a ser feita já estivesse sido feita, uma vez que existe a tendência a copiar o que já foi visto e postado, o que já foi e vem sendo ecoado. Há um distanciamento da criação de uma imagem, da criatividade na captação de uma foto, um distanciamento do aprimoramento de técnicas para a feitura mais trabalhada de uma imagem, uma vez que os aparelhos celulares são autênticos facilitadores no que diz respeito a fazer e a compartilhar fotos, bastando um click com pouco ajuste ou sem ajuste algum, e em apenas um click, um toque ou dois surge mais uma imagem e assim desanda e desemboca no grande fluxo do consumismo efêmero, para ser esquecida.

Estamos nadando em imagens e as vezes imerso sob elas, devoramos enormes quantidades de imagens e somos devorados por elas cotidianamente, somos engolidos por elas, sem pararmos para nos abrir para a fotografia em si, para exercitar a fotografia. Nos desligamos do que é fotografia ou do que possa ser a fotografia e nos robotizamos para gerar imagens que escoam digitalmente sem se fixar na memória de quem as vê. Deixamos de pensar a imagem para pensar a priori no ato de compartilhá-la. O poder de reflexão que envolve a fotografia, é posto de lado e é substituído pelo poder de curtidas que uma imagem pode gerar.

Essa multiplicação diária de imagens no mais das vezes esconde o real, esconde o outro, o outro em sua diferença, em sua discordância, um outro que não orna com o que se convém com belo, o belo aqui como o usual, o comum, o postado e repostado. Oculta o mundo fora do controle da bolha digital, um mundo onde se ver guerra, conflitos

ambientais, questões ambientais, questões humanas, questões que não se pautam no self, questões que ultrapassam questões de belo e feio. O que nos permite considerar que essa concentrada e disparada produção de meras imagens é uma fuga da realidade, uma montagem do real que ao se dar dessa maneira incessante não dá o espaço necessário para a arte da fotografia em seu âmbito, deixando assim a fotografia resistindo sufocada, afogada nesse oceano de imagens.



A vida real na palma da mão

**Oceannyra Kelly da
Cruz Silva**

FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO. REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

Ao longo do período estudou-se ferramentas e conceitos da fotografia e do fotojornalismo, como “s”, “f” e ISO, e os gêneros fotojornalísticos, por exemplo. Com todo o conjunto de assuntos estudados, tornou-se possível a compreensão de uma parte do universo fotográfico e fotojornalístico.

Sobre as classificações de imagens presentes nas notícias, os alunos aprenderam que, para cada tipo de matéria e cada assunto tratado, existe um gênero ideal. São diversos os tipos de fotografias jornalísticas, podendo causar até confusões na hora de identificá-las, mas cada uma possui sua importância e sua singularidade.

E é baseado no estudo dos gêneros citados e no desenvolvimento do pensamento crítico sobre fotografia durante as aulas, que o presente trabalho objetiva analisar o perfil de Jefferson Soares, jovem fotógrafo de Teresina-PI, que captura o cotidiano da cidade com o seu aparelho celular.



Jefferson, através de sua página no Instagram, divulga fotos bem elaboradas. O material traz reflexões sobre o

contexto presente ali, incitando o público a observar e criticar cada detalhe do que foi fotografado. Dentre os assuntos mais valorizados pelo fotógrafo, estão: pessoas, animais e objetos que incitam debates. Aqui, serão analisados esses três principais componentes.

A princípio, nota-se que Jefferson tem preferência em fotografar pessoas e suas ações cotidianas nas ruas de Teresina. A primeira imagem analisada se trata de duas pessoas deitadas no chão, o que demonstra ser moradores de rua. Na legenda da foto há a frase “Invisíveis na Sociedade”.

Com a cor P & B em sua edição, a fotografia gera comoção em quem a visualiza. O cenário combinado com o efeito utilizado permite que a história contada se torne ainda mais triste e pesada. Os pés descalços dos dois indivíduos faz surgir a ideia da pobreza existente na cidade. Os rostos ocultos remetem ao fato do casal não ser o único a estar em tal situação. Existem centenas de pessoas invisíveis na capital.

A segunda imagem a ser analisada é o clique de um gato em situação de abandono, próximo a uma poça de água causada por uma torneira semi aberta. A foto também está em Preto & Branco, e ao contrário do que se espera, o foco está direcionado à torneira, e não ao animal. Na legenda, Jefferson escreveu “Detalhes”. E há bastante detalhe no assunto fotografado.

Nele, pode-se levantar o tema “abandono de animais”, que cresce a cada dia, principalmente no atual período de pandemia, época em que a foto foi tirada (06/06/2020). Percebe-se que o gato, que ainda é filhote, está mal cuidado, com os pêlos arrepiados. Além disso, o bichinho está olhando para a torneira vazando, o que já desperta a sensação de

“desperdício de água”. A água derramada cria uma poça grande o suficiente para impedir a passagem do gato sem que ele se molhe. A mesma água também pode ser uma alternativa para matar a sede do filhote.

Finalmente, a terceira foto mostra um conjunto de casas simples, não finalizadas (sem reboco e tinta), em um lugar provavelmente humilde. Em primeiro plano, Jefferson mostra uma das casas. Em sua entrada há um velho fogão, uma pia e um balde cheio de coisas. Na legenda está escrito “É bonita a paisagem, mas é feio como tratam meu povo!”, trecho da música Reflexo, do funkeiro MC Cabelinho.

Essa imagem, assim como a primeira analisada, também é um retrato da pobreza existente não só em Teresina, mas em todo o país, além de enfatizar a despreocupação dos governantes sobre a carência de parte da população. Os detalhes, os traços e os componentes do cenário facilitam o entendimento de que, naquele lugar, há pessoas carentes, sem recurso o suficiente para melhorar o ambiente em que vivem.

Ao observar o material citado, bem como todo o trabalho do artista, identificou-se o padrão de suas fotos. O jovem geralmente utiliza a cor Preto e Branco em suas imagens, dando a ideia de que aquele assunto merece atenção. O P & B é bastante utilizado para condenar um determinado problema social, com o objetivo de fazer um apelo para quem está “do outro lado”, desejando que alguma atitude seja tomada. As campanhas contra violências ou contra as drogas são um exemplo do uso de tons escuros na edição de imagens.

Além disso, Jefferson costuma legendar seus cliques com trechos de músicas periféricas, como rap e funk. É o caso

FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO. REFLEXÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

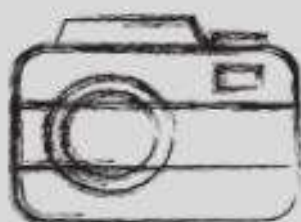
da terceira foto, onde é citado a música de Cabelinho, um cantor atual, que, por meio de suas canções, conta a história de quem vive nas favelas e comunidades, em situação de miséria e discriminação. Enredo comum entre esses gêneros musicais.



Foi diante desse estilo fotográfico que escolheu-se o título “A Vida Real Na Palma da Mão”. As fotografias de Jefferson Soares denunciam as mazelas da sociedade, e trazem à tona um pouco do caos presente onde vivemos, flagrando a pobreza, o abandono, o desperdício, a ignorância, e muitos outros problemas atemporais que, mesmo com o passar dos anos, não são resolvidos. Através da câmera de um celular, um objeto tão pequeno, que cabe na palma da mão, é possível registrar e expor a realidade do que não é lembrado.

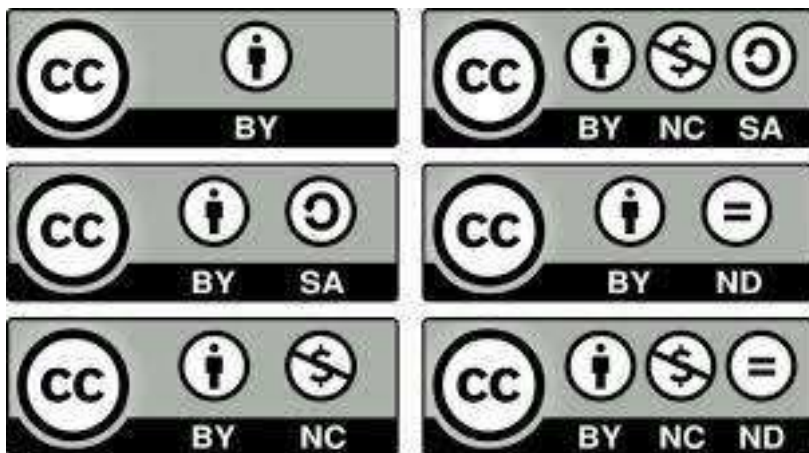
Em uma plataforma onde tudo parece ser bonito e descomplicado, como o Instagram, o fotógrafo contribui para que as pessoas saiam de suas bolhas e passem a refletir sobre o que acontece fora de suas casas, de seus quartos.

Em síntese, com o uso de um celular, o teresinense Jefferson Soares se preocupa em denunciar os problemas sociais presentes na capital. Os elementos das fotografias analisadas permitem que histórias sejam contadas, seja sobre um ser vivo ou um objeto inanimado. Um olhar, a posição de um corpo, as roupas de uma pessoa, e outros aspectos, entregam a condição do assunto fotografado. Assim, apoiando-se nos argumentos desse texto, e nas características das fotografias, conclui-se que o material está incluído no gênero Histórias em Fotografia, que narra acontecimentos. Dentro dessa classificação, o conceito de Foto-ensaio é o que mais se encaixa em relação ao conteúdo aqui tratado, pois o fotógrafo, por meio de seu trabalho, conta histórias a partir de seu ponto de vista.



**Fotografia como
arte, correto uso e
elementos,
instrumento de
representatividade
& forma de renda**

Vitor Silva Lima



Quando falamos de fotografia, na verdade nós estamos nos referindo nas várias formas de possibilidades de como ela pode ser vista e utilizada. Neste texto será abordado alguns pontos-chave da fotografia, sobre como ela é uma forma de arte e um elemento de múltiplas formas de atuação. Também será discutido sobre as ferramentas presentes numa câmera e como se deve tirar fotografias corretamente. Será discutido ainda como a fotografia é uma forma de representatividade e como ela aliada ao dia a dia pode acabar virando uma ferramenta de lucro e renda.

O objetivo do texto consiste em falar sobre cada tema de forma conceituada e esclarecedora, para no final ir de encontro para uma conclusão sobre cada ponto que será discutido ao longo do texto. Ao nos referirmos a arte, primeiramente temos que entender que ela consiste em toda forma de expressão, seja advinda de uma sociedade ou um grupo específico.

Ela está presente em vários lugares e está por toda parte, possuindo várias formas, cores e tamanhos diversos.

Também pode ser uma forma de comunicação que possui linguagem simples ou interpretativa. Fotografia e arte casam tão bem de tal modo que podem se misturar e serem um só, como forma de complementação e profissionalismo.

O mundo da fotografia só existe porque também existem coisas para serem registradas, como um acontecimento histórico que rodou o mundo, uma linda foto de paisagem ou até mesmo um registro sem compromisso de uma reunião de amigos ou família. Mas a fotografia nem sempre foi motivo de alegria e sinônimo de legalidade com a lei, pois nos tempos de Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), nem todos os registros fotográficos que eram tirados não podiam ser publicados.

Tinham que estar dentro dos padrões da lei e dentro dos conformes, respeitando os rígidos critérios da Ditadura.

Mas uma coisa bastante única da fotografia é que ela acaba divulgando culturas de diferentes nacionalidades e, transmite por meio de imagens, significados e culturas advindas de um povo. Somos uma sociedade cada vez mais dividida em nichos sociais, onde cada uma possui seus gostos, expressões e linguagem própria. A arte pode ser entendida como algo que deixa um certo legado e história, pois o tempo passa mas o que foi criado não se esquece.

Ela também não se resume na amostra de cores ou pinturas, também pode ser algo histórico, como por exemplo o registro da primeira pessoa a ser vacinada contra o vírus COVID-19 em meio a uma pandemia mundial, uma vez que a arte pode ter também múltiplas interpretações.

O mundo fotográfico possui suas próprias formas de arte, cada uma com seus próprios conceitos e regras, onde pode mostrar ao público uma linha do tempo com base em

fotos ou até mesmo ilustrações feitas com a ajuda de montagens. Causas sociais podem muito bem fazer parte da fotografia, fotos revelam desigualdades, violência, destruição e até um simples ato de solidariedade.

O contraste da desigualdade social pode ser mostrada numa simples foto, em que pobreza e riqueza curiosamente acabam ocupando o mesmo espaço como numa tela de pintura, mas tendo cada uma suas próprias e distintas vivências. Uma questão bastante importante da fotografia é a estrutura de uma câmera, mais especificamente suas partes, e também o correto uso de certos elementos fotográficos para se tirar fotos corretamente e com qualidade.

Para fazer uma fotografia com ótima qualidade e beleza, antes de tudo se deve ter em mente que não é somente pegar uma câmera ou celular e sair fazendo fotos por aí com certo filtro, mas sim saber o que está fazendo e como deve fazer.

O não conhecimento dos princípios da fotografia pode acabar resultando em um estrago artístico ou até mesmo numa perda de oportunidade crucial, pois não é toda hora que temos oportunidades únicas de fazermos lindos registros. Uma câmera em si possui várias partes e funcionalidades, podendo ser barata e até mesmo chegar em um nível de preço bem alto.

Uma câmera contém vários elementos que contribuem para uma maior qualidade fotográfica, tendo uma lente que pode pegar múltiplas distâncias e que servem para respectivas funcionalidades, desde aproximar os objetos, afastar ou até mesmo fazer os dois. Possui também um equipamento que ajuda no flash externo da câmera, a sapata. As imagens são registradas numa parte interna de nome

câmara escura, onde são gravadas e prontas para serem visualizadas. Nem toda foto sai como se espera, e algumas vezes pode sair tremida ou borrada, nesses casos é recomendável que se use outra ferramenta na fotografia, o tripé.

Podem ser encontrados de diferentes materiais, sendo estes até de fibra de carbono. O tripé irá deixar a câmera fixa sem que o fotógrafo corra o risco de tremer sua própria mão na hora de dar o click. É de grande importância saber o balanceamento correto de três itens imprescindíveis, sendo eles o diafragma, obturador e ISO (sensibilidade). Se queremos fotografar algo tendo em conta a claridade do ambiente, então devemos nos atentar para os três elementos fotográficos, pois o diafragma quanto mais aberto ficar, mais ele irá captar luz, o obturador quanto menor sua duração, mais uma foto correrá o risco de ficar borrada por conta da movimentação na imagem.

E como estamos falando de um ambiente claro, devemos então usar uma sensibilidade baixa, justamente para não correr o risco de a foto acabar ficando super exposta, onde a claridade é tamanha que só poderá ser visto um grande clarão na foto. Não é todo mundo que consegue aliar esses três elementos e fazer bons registros, ainda mais quando uma oportunidade única surge, onde nesse caso o fotógrafo deve ter não só conhecimentos fotográficos mas também bastante agilidade para não perder o momento.

Uma foto também pode acabar virando uma arma bastante poderosa, pois pode carregar consigo inclusão e destaque para certas coisas. É aí onde entramos no tema da representatividade, pois estamos cada vez mais ligados em diversas questões sociais, e muitos temas de inclusão hoje

em dia eram tratados com bastante repulsa antigamente, tais como a homossexualidade e representatividade negra. Nos tempos mais modernos temos em alta vários projetos publicitários e de empoderamento, estampando capas de revistas ou jornais. A fotografia acaba sendo um instrumento de divulgação e representação no repasse de uma forte mensagem ou dando voz para grupos menos favorecidos da sociedade.

Fotos podem gerar dinheiro, sendo essa outra questão importante, a renda. Fotografar acaba sendo uma forma de ajuda no dia a dia, onde a fotografia também divide espaço com a vida das pessoas e se torna o sustento de muitas delas, pois muitas vertentes podem acabar surgindo e gerando oportunidades de trabalho e renda. Seja trabalhando para algum jornal, montando o próprio estúdio de fotografia para realizar ensaios fotográficos ou participando de campanhas publicitárias, possibilidades são o que não faltam nesse ramo.

O mundo em si possui seu lado capitalista e lucrativo e, com isso, fotos podem valer muito dinheiro se forem valiosas e bem tiradas. No que diz respeito ao jornalismo, uma bela foto prende o público e chama atenção, onde muitas vezes um jornal de banca acaba sendo adquirido por um leitor por certa curiosidade na foto, e somado com um título impactante só contribui para o consumo de notícias. Mas nem sempre foi assim, antigamente os jornais não possuíam fotos e só eram repletos de vários textos para quem estivesse disposto para ler.

A foto instantânea só foi criada em 1948, e com toda certeza foi um grande sucesso para época, tendo em vista que antes uma pessoa só poderia ver uma foto depois que ela

era revelada. Sair por aí e tirar várias fotos e poder ver todas elas instantes depois foi um marco na história da fotografia, o que acabou tornando tudo mais prático e rápido. Fotos também podem se tornar filmes, nesses casos tudo é um conjunto de quantidade de fotos e habilidade, o chamado stop motion.

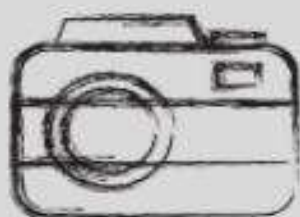
Essa técnica de animação consiste em se usar várias fotografias para se produzir uma animação, onde cada conjunto de vinte e quatro fotos corresponde em um segundo de filme. Temos aí uma importância gigantesca da fotografia para se fazer essa técnica de animação, pois é como se fosse um ensaio fotográfico, mas vários registros fotográficos vão ter que ser feitos e totalmente aproveitados depois.

O resultado final é um filme bem interessante e que principalmente pode dar muito retorno financeiro se for feito para a produção de um filme longa metragem. Por fim, o mundo da fotografia pode abranger muitas formas de reflexão, na arte ela é uma forma de comunicação, que aproxima o ser humano para diferentes formas de perspectivas e desenvolve o pensamento crítico sobre o mundo ao nosso redor.

Os elementos de uma câmera e o correto modo de fazer fotografia configuram como peças chave para o entendimento do mundo fotográfico, pois entendendo as partes de uma câmera e seus elementos, uma pessoa acaba absorvendo o conhecimento necessário para ingressar no mundo fotográfico, e aliando teoria com prática o resultado aparece gradativamente.

Representatividade é o destaque que a fotografia acaba dando, onde assuntos que não tem muita aceitação e respeito podem ganhar sua própria forma de inclusão e uma dose de maior empatia por parte da sociedade. Renda em si é

aquilo que gera sustento, e o mundo fotográfico proporciona isso de diversas formas e estilos, e acaba sendo uma forma de sustento para toda vida e que também de certa forma contribui na economia e, certamente, todas essas questões se interligam complementando um ao outro, seja como forma de arte, um correto manuseio e conhecimento fotográfico, uma simples forma de representatividade e até mesmo uma saída para fazer de uma foto um sinônimo de sustento.



**Luz, corpo e
ativismo: a
fotografia feminista
como novas
possibilidades do
discurso de
resistência**

Vitória Sousa Pilar

Pensar o movimento feminista hoje é pensar em uma perspectiva de pluralidade, seja em seu conteúdo quanto à forma. O ativismo cresceu, ganhou novos nomes de representação, causas e se articulou em outras ambiências. A partir da ascensão da internet, a reprodução do pensamento saiu dos muros restritos das universidades e ganhou espaço em blogs, redes sociais e nas plataformas digitais em geral. Essa transição, ao passo que trouxe acolhimento, também trouxe desentendimento dentro e fora das pautas feministas. As contradições tragas por essa "migração ativista" fortaleceram a autocrítica feminista, uma vez que, ao quebrar a forma tradicional de pensar a militância nas ruas com atos físicos, também provocou o feminismo para estar diante de novas formas de usar o corpo como discurso sob novas possibilidades de militância.

Nesse meandro, a fotografia enquanto arte de escrever com a luz, trouxe para o campo político feminista uma forma de reinvenção subjetiva do ativismo. Entretanto, o entendimento das artes visuais como possibilidade de manifestação de causas políticas e sociais não tem a fotografia como pioneira. Artistas plásticos, a partir das primeiras décadas do século XX, começaram a se dedicar e ressignificar técnicas de pintura inserindo significados políticos dentro de suas obras. Uma artista conhecida mundialmente pela expressividade de suas obras com teor feminista é Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (1907-1954). A mexicana inovou com telas surrealistas trazendo reflexões sobre sua vida, relacionamentos e vivências diante de uma perspectiva de gênero futurista para sua época.

Dentro da fotografia esse processo de registro ganhou força a partir das manifestações feministas das Américas do

Norte e Sul, na qual a luta das mulheres se tornava uma pauta que ganhava as ruas a partir da década de 1960. Por meio das fotografias registradas em manifestações que aconteciam no Norte e Sul global, observam-se a disparidades das pautas feministas em ebulição no mundo. Enquanto de um lado os debates circulavam em torno de direitos trabalhistas e políticos, mulheres latino-americanas buscavam por meio de um discurso histórico de combate ao colonialismo a libertação de mazelas calçadas em problemas dentro do contexto de classe, raça e etnia.

Essas primeiras manifestações fotográficas dedicadas para registrar as expressões coletivas de mulheres ativistas evidenciaram na história do feminismo os momentos públicos da militância em contexto global. Nas ruas, as fotografias exibem corpos entoando falas, músicas e cartazes, desenhando o discurso de pertencimento, liberdade,

irmandade e conexão entre demandas particulares e coletivas. Entre as fotografias que mais exibem a construção desses sentimentos estão os registros das grandes manifestações a partir de 1968, voltadas para os direitos sexuais e individuais. Ademais, pautas voltadas para combate à violência



doméstica, trabalhista, obstétrica, psicológica e feminicídio também compõe da construção da sinestesia oferecida pela fotografia e reforça o significado do corpo como elemento discursivo em ativismos feministas protagonizados no Brasil e no mundo.

Uma obra para pensar esse contexto de mulheres em lutas democráticas está a produção “Feminist: what were they thinking?”, produzido por Johanna Demetrakas, em 2018, que retrata as produções fotográficas de Cynthia MacAdams, fruto da exposição na galeria Steven Kasher, em Nova York, chamada Feminist Portraits (1974-1977). O documentário e o álbum registram o auge da segunda onda feminista, vivida nos anos 1960 e 1970, evidenciando a luta dos direitos sexuais, sexualidade, direitos do trabalho, como combate ao assédio sexual e salários iguais, com enfoque no cenário dos Estados Unidos da América, pontuando o potencial das fotografias como elemento de registro para a história do feminismo. A repercussão do material ganhou o mundo e viralizou ao mostrar mulheres em contextos de inconformidade com a hostilidade do patriarcado e machismo vivido em setores domésticos, laborais e públicos no geral.

No álbum, as mulheres militam pelas pautas feministas expressando suas identidades: raciais, orientação sexualidade, parental e étnicas. Em grande parte das fotos, as ativistas aparecem sem roupas, com os mamilos à mostra, mas também evidenciam mães, grávidas e com seus filhos nos braços, segurando bandeiras, conflituando com a dicotomia do profano e sagrado feminino. No geral, as fotos, em suas particularidades, colocam as mulheres em posições de combate, altivez, poder e afronta. No Brasil, a política e jornalista Manuela D’Ávila teve fotografias com a sua filha,

Laura Leindecker, em manifestações comparadas com as fotos das produções de Cynthia MacAdams. Em eventos políticos e de caráter feminista, as fotos da filiada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) carregando a menina nos braços ou amamentando-a lembraram características de “Feminist: what were they thinking?”.

No livro escrito por Manuela, “Revolução Laura”, a feminista conta sobre a experiência e a importância das fotos no contexto brasileiro para as lutas das mulheres.

Mas não tão somente manifestações com caráter de gênero. Dentro das fotografias voltadas para movimentos sociais, ligados à saúde e educação, mulheres são representadas nas fotografias como sujeitos componentes das linhas de frente de outros ativismos. A observação, por sua vez, dialoga com a presença crescente de mulheres dentro das universidades, escolas e creches, principalmente da rede pública, sejam como discentes quanto docentes.

Bem como, a presença de mulheres como maioria nos cargos de enfermagem, técnicas em enfermagem e outros setores de gestão nas unidades hospitalares revelam a categoria feminina nesses espaços de trabalho. Apesar desses tipos de manifestações objetivarem pressionar, manter ou criar novas políticas para essas pastas de interesse público, essas expressões revelam o recorte quantitativo de mulheres de forma latente, mas também o levante de gênero como pautas secundárias, uma vez que a manutenção das instituições de ensino, saúde e ciência em termos estruturais, viabilizam a permanência dos corpos femininos nesses espaços.

O discurso feminista sob a fotografia vai além dos espaços de militância como movimentos coletivos e de massa.

Esse recurso artístico se apropria de nuances subjetivas e simbólicas, propiciando a abertura de pautas que podem ser levadas por uma perspectiva individual, dentro de uma lógica de movimentação das questões particulares para o coletivo. Nesse sentido, a fotografia feminista ao se colocar como sensível ao representar belezas femininas em suas múltiplas facetas dá espaço para pensar esse entendimento como componente de um discurso de resistência do corpo feminino. Com as plataformas digitais, a publicização desses discursos como imagem, ganhou força e ajudou a produzir uma nova linguagem feminista, organizada em conexões digitais, na qual amplamente disseminada, alcança mais pessoas, promovendo a construção de apoio e conexão do ativismo nesses novos ambientes sociais.

Por conta desse novo olhar fotográfico, temas como racismo, maternidade, violências físicas ou psicológicas, gordofobia, sexualidade e estética, dentro outros temas, puderam ser traduzidos de forma ressignificada, recortando a pauta de gênero como forte construtor de múltiplas identidades femininas. Nesse viés, situações que traziam temáticas de sofrimentos e violências contra as mulheres puderam ser abordadas por um novo olhar e transformado em instrumento de resistência dentro da luta feminista. Essa relação fortaleceu ainda mais o conceito da fotografia e o corpo como um elemento político e propiciou o significado da arte de escrita com a luz para além da documentação.

Ainda assim, o debate sobre a fotografia feminista não se restringe apenas à captação imagética. Pelo contrário, a discursão é objeto de pauta sobre as pessoas que estão do outro lado da câmara. Dentro da história brasileira da fotografia, houveram diversos nomes femininos que

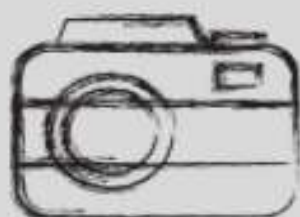
participaram desse enredo, mas ao considerar fotografia profissional, como elemento de trabalho e sustento, o quantitativo se resume a poucas mulheres. Apesar da fotografia surgir como um ofício, à priori, masculino, a invisibilidade das mulheres dentro da arte se tornou um objeto de ressignificação para as próprias fotógrafas. O modelo de fotografia de autorretrato e fotografar outras mulheres, desafiando seus estereótipos e preconceitos, vieram como um interessante elemento de resistência, uma vez que propõe pensar o ato de fotografar como expressão política e gerar um debate sobre os corpos das mulheres sob o olhar feminino em detrimento do olhar masculino. Nesse ponto, a hipersexualização e objetificação do corpo feminina é colocada como algo a ser superado e combatido pelas fotógrafas.

Foi dentro do cenário de invisibilidade que instigou nomes da fotografia feminista como Anna Maria Maiolino, Rosana Paulino, Márcia X, Maria do Carmo Secco e Santarosa Barreto que o processo criativo da fotografia foi vivenciado como discurso de militância. Pertencentes ao século XX, essas fotógrafas enxergaram no seu cotidiano feminino formas de retratar o sistema patriarcal vivido na sua época. Entre os temas, o trabalho feminino invisível dentro dos lares brasileiros, a vivência da mulher negra nas periferias, o erotismo e sexualidade em meio uma sociedade religiosa (conceito bastante censurado), questionamento sobre a vida matrimonial, reinvenções das formações familiares e questões ligadas à segurança são os mais debatidos.

Diante disso, observa-se que, apesar da presença de mulheres, em números e reconhecimento, serem menores

que dos homens, é possível enxergar que o traço das questões feministas atravessa suas preocupações enquanto artistas e indivíduos, abrindo espaço para a criação de um mercado independente e uma perspectiva para se pensar a fotografia como objeto de militância. Evidenciando, portanto, que a fotografia feminista é um ato político nas duas vias possíveis: quem retrata e o que/quem é retratado.

Nesse sentido, percebe-se que a fotografia feminista desafia os arranjos da arte visual, oferecendo que a experiência fotográfica seja utilizada como elemento de luta e discurso combativo para representar as questões de gênero. Bem como, que esse estilo fotográfico, ao ser diretamente atingido por vivências, afetos, dores e experiências particulares do ser e estar feminino, propõe um debate para além da técnica, mas também de sensibilidade para pautas de caráter político e social.



**Uma pandemia na
geração imagética:
fotografias de
impacto para
refletir sobre a
COVID-19 no Piauí**

Vitória Sousa Pilar



No primeiro semestre de 2020, a pandemia do novo coronavírus tomou o mundo de uma forma inesperada. Considerada a primeira grande pandemia do século XXI, a COVID-19 tornou-se protagonista em noticiários, tabloides e repercutiu o mundo, atravessando fronteiras geográficas, comunicacionais e interfaces humanas possíveis. Estima-se que o vírus tenha tido como ponto de partida um mercado de frutos do mar e animais vivos na cidade Wuhan, província de Hubei, localizado na República Popular da China.

No local, acredita-se que o surto de SARS-COV-2 tenha começado de um reservatório animal, mesmo que ainda desconhecido. Em poucas semanas, a COVID-19 viajou continentes e despertava um alerta à nível mundial, desafiando a ciência e o mundo com o desconhecido, tendo em vista o potencial de transmissão e letalidade doença em possíveis grupos de risco, como idosos e pessoas portadoras de comorbidades.

Com isso, no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde classificou a COVID-19 como pandemia. No Brasil, o primeiro caso da doença foi confirmado no dia 26 de fevereiro. Entretanto, dados mais recentes evidenciam que

pessoas infectadas já poderiam estar em território brasileiro com a doença desde janeiro de 2020. Em coletiva de imprensa realizada no início de abril de 2021, o Ministério da Saúde do Brasil declarou que estados como São Paulo e Minas Gerais já haviam pessoas contaminadas e em circulação desde o primeiro mês desse ano.

No Piauí, a confirmação veio no dia 19 de março de 2020 com o resultado de três casos positivos do novo coronavírus. O anúncio foi dado oficialmente pelo secretário estadual de Saúde, Florentino Neto.

No início do surto da doença, ainda de forma inédita para o Brasil e o mundo, com as produções acadêmicas e científica a respeito da doença sobre possíveis tratamentos prematuros e uma resposta distante sobre imunização, grande parte da comunicação voltou-se para divulgar formas de como se prevenir e disseminar informação sobre aquilo que poderia e não poderia ser feito diante da crise sanitária causada pelo vírus. Nesse sentido, em tempo recorde, a comunicação social se debruçava em diversos modos de atualizar e informar sobre as possibilidades existentes de proteção pessoal e coletivas. Mídias impressas, digitais, televisivas, sonoras e outros formatos comunicacionais se organizavam para poder noticiar e reportar à população sobre cuidados básicos e reforçar os alertas seguros à sociedade.

A maioria do conteúdo voltado para informar a população sobre a doença partia de um viés educativo, com base nas orientações sobre uso de proteção facial, uso frequente de álcool em gel, higienização das mãos, importância do distanciamento e isolamento social foram, e ainda são, as principais notícias reforçadas pelas mídias convencionais e não convencionais. Ressaltando,

principalmente, a atuação com caráter educativo dessas produções frente à pandemia. Nesse sentido destaca-se como o papel da fotografia trabalhou produzindo sentidos para orientar e informar a sociedade sobre o vírus e seus impactos, cumprindo um importante papel de reforço, impacto e responsabilidade social da informação na sociedade.

Diante desse viés, analisa-se como as redes sociais do Governo do Estado do Piauí, por meio de criações fotográficas originais e ilustrativas propiciaram um olhar particular para informar a sociedade nesses canais sobre o impacto do vírus e a importância de combater a doença com cuidados simples, mas que fazem a diferença para conter a disseminação viral.

Para tanto, o Governo Estadual utilizou seus perfis oficiais registrados nas redes sociais Facebook ([facebook.com/governodopiaui](https://www.facebook.com/governodopiaui)), Instagram (@governodopiaui), e Twitter (@governodoPI), que em conjunto, totalizam mais de 289.000 seguidores. Entretanto, pela conta oficial do Instagram, a interação com o público, no qual pressupõe que seja majoritariamente piauiense, alcança rapidamente um engajamento superior as outras redes. Conforme registrado, apenas essa rede social registra individualmente uma marca acima de 136.000 usuários acompanhando esse canal de comunicação.

É interessante pensar na fotografia com a rede social Instagram e sua relação com a fotografia em diversas nuances. O símbolo do aplicativo, por sua vez, é uma máquina polaroid, um tipo de câmera que faz a impressão instantânea da imagem. Essa particularidade dialoga com o conceito da rede social, que possui atualizações da página constantemente, conforme a rede de amigos, gerando conexões rápidas e compartilhamento de informações

exclusivamente por meio de imagens. Diferentemente do Facebook e do Twitter, o texto pode ser uma ferramenta de publicação única. No Instagram, o foco principal é a imagem como mensagem, sendo o texto algo secundário e opcional.

Por conta disso, nota-se um esforço dessa rede social em impactar e dialogar por meio de imagens com caráter apelativo. No caso das fotografias ilustrativas publicadas nos perfis do Instagram do Governo do Estado do Piauí, essa característica é fortemente evidenciada, ressaltando o contexto da pandemia e a necessidade de obedecer aos protocolos de saúde como forma de salvar vidas.

Sendo assim, quatro fotografias em particulares chamam atenção nas redes sociais dos perfis oficiais do governo estadual, seja pela mensagem, pelo jogo de sentidos e principalmente, pela forma chocante em falar de uma realidade particular em contexto de pandemia.

A primeira trata-se de uma publicação voltada para discutir o isolamento social. Tendo sido uma das demandas mais frisadas, mas também uma das medidas que mais houve relaxamento ao longo da pandemia, a imagem traz duas perspectivas. No lado esquerdo, um jovem, segurando um controle televisivo, de cabelos bagunçados e iluminado pela luz de alguma tela.

O jovem aparece visivelmente chateado, demonstrando desinteresse pela situação. No entanto, ao lado direito, uma mulher, de cabelos brancos, aparentando ser idosa, em um leito recebendo ventilação mecânica por aparelhos. Na legenda, um recado breve: “O tédio de ficar em casa não é pior do que ficar sem ar nos hospitais”. Mesmo sem legenda, a mensagem imagética é passada e disserta sobre uma realidade constante. Jovens, em sua maioria,

foram e ainda são um público que mais ocupam casas de shows, bares e restaurantes. Entretanto, idosos são a categoria mais vulneráveis à doença, sendo uma das principais vítimas da COVID-19. Um jogo de imagem simples, mas com uma mensagem dura, de impacto e que reverbera sobre a atualidade e consequências do relaxamento dos protocolos de segurança. A imagem foi publicada no dia 23 de fevereiro de 2021, em todas as redes sociais do Governo do Estado do Piauí.

No dia 7 de março, outro registro fotográfico evidenciou o problema das aglomerações por meio da imagem. Ainda dentro da perspectiva do gênero fotográfico ilustrativo, a imagem traz uma comparação. Ao lado esquerdo, uma jovem dançando, sorrindo e sem proteção facial. Ao lado direito, um hospital, com diversos leitos emparedados e um profissional da saúde completamente paramentado para se proteger do vírus. O recurso traz uma mensagem clara e curta: "Não queira aglomerar em hospitais". Novamente, o texto torna-se um elemento dispensável, tendo em vista que a foto denuncia um momento singular que, anterior à pandemia, era rotineiro na vida de muitas pessoas, mas que depois da chegada do vírus, tornou-se uma situação de risco coletivo. Publicada em todos os canais de comunicação do Governo do Estado, no dia 7 de março de 2021.

Ainda na perspectiva de críticas às aglomerações, principalmente causadas por jovens, no dia 13 de março de 2021, uma fotografia nesse viés foi publicada nas redes do Governo do Estado com o mesmo caráter. Uma jovem, possivelmente DJ, por portar fones e uma máquina de som, sorri alegremente contra uma luz verde, comumente usada em shows. Em um plano secundário, mãos levantadas para cima

parecem estar aproveitando a festa. No entanto, pequenas ilustrações mostram datas de nascimento e datas de falecimento próximo das mãos. As datas de nascimento registram-se entre 1985 até 1991, mas o falecimento registra o ano de 2021. Com isso, obtém-se que pessoas jovens, novamente, por estarem mais dispostas em situações que causem aglomerações, estão mais vulneráveis a contraírem o vírus e falecerem por complicações da doença. A legenda como complemento diz: “Cada pessoa que você junta numa festa clandestina poder ser uma pessoa que você manda para o cemitério”.

Os registros fazem partes de campanhas de estímulo do governo para manterem as pessoas a par da situação. No entanto, já se passado quase um ano de pandemia vivenciados no Piauí e no mundo, as medidas e protocolos sofreram desgastes e relaxamentos vividos pela população por uma série de fatores que vão desde crenças pessoais até questões ligadas à economia. As fotografias por sua vez, apesar de montadas e filtradas, prestam um importante papel social de conscientização e educação, mas também registra dentro da sociedade um momento histórico no qual se poupar de diversão com os amigos é um ato de salvar vidas, ou como momentos que antigamente eram considerados rotineiros na vida de milhares de jovens se tornou algo anti-empático e que coloca em risco a saúde de todo um corpo social. Como também, revelam como essas situações marcaram uma geração que precisou se poupar de certos lazeres, fazer uso de máscaras e medidas de distanciamento. Em um futuro distante, ou não, essas fotografias irão compor a memória de um passado que vivenciou a pandemia da COVID-19 e seus impactos.

Para tanto, os registros fotográficos, bem pontuais com a proposta de estímulo e provocação ao respeito das medidas de isolamento social, coloca em vigor um dos importantes legados da fotografia para o mundo: ser um elemento histórico das vivências experimentadas pela humanidade, sejam elas boas ou ruins. Com essa campanha, por exemplo, a fotografia oferece um misto de significados, em sua maioria, autoexplicativos devido o contexto vigente, mas também propicia pensar o papel do próprio recurso imagético em uma sociedade que consome fortemente o conteúdo por imagens, principalmente dentro das redes sociais e plataformas de interação via internet. Essas imagens chegam rápido às pessoas, se disseminam e espalham-se gerando novas e novas interpretações dentro de uma geração imagética, mas garantem a recepção do conteúdo sobre pandemia e seus impactos por meio do poder fotográfico.

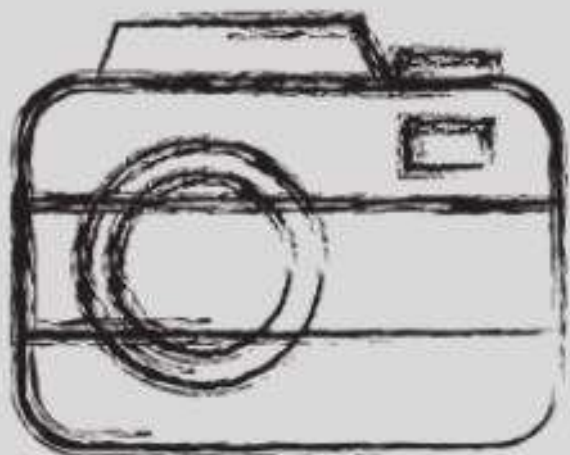
Formato: 148 mm X 210 mm

Fonte: Euphemia UCAS, 11, 12, 14 e 18.

Papel miolo: alcalino 75 g/m²

Papel capa: Cartão Supremo, 250 g/m²

Impressão: E-book



**FOTOGRAFIA E
FOTOJORNALISMO
Reflexões em
tempos pandêmicos**

ORLANDO MAURÍCIO DE CARVALHO BERTI (org.)



editora.uespi.br